



GM  
M205.57  
L694P  
v.31  
1978

**A PRIMEIRA  
PRESIDENCIA**  
Spencer W. Kimball  
N. Eldon Tanner  
Marion G. Romney

**CONSELHO  
DOS DOZE**  
Ezra Taft Benson  
Mark E. Petersen  
Delbert L. Stapley  
LeGrand Richards  
Howard W. Hunter  
Gordon B. Hincley  
Thomas S. Monson  
Boyd K. Packer  
Marvin J. Ashton  
Bruce R. McConkie  
L. Tom Perry  
David B. Haight

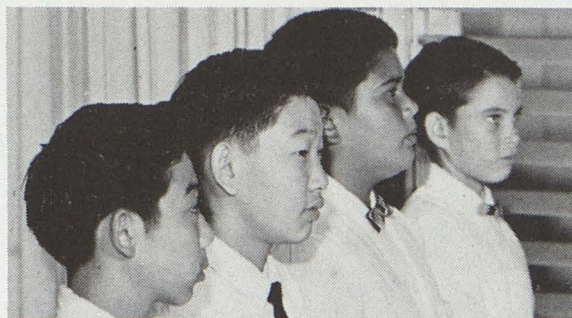
**COMITÊ DE  
SUPERVISÃO**  
Marion D. Hanks  
Robert D. Hales  
Dean L. Larsen  
Richard G. Scott

**EDITOR**  
Dean L. Larsen

**EXECUTIVO DO  
INTERNATIONAL  
MAGAZINE**  
Larry Hiller,  
Editor Gerente;  
Carol Larsen,  
Editor Associado;  
Roger Gylling,  
Desenhista

**EXECUTIVO DA  
«A LIAHONA»**  
José B. Puerta,  
Editor Responsável;  
Maria Antônia Brown,  
Redatora;  
Moacir S. Lopes,  
Supervisor Layout

- HISTÓRIAS E DESTAQUES**
- 1 **Mensagem da Primeira Presidência: O Dia do Senhor — Um Deleite,** Presidente Spencer W. Kimball
  - 7 **Perguntas e Respostas: Steve Gilliland — Robert J. Matthews — Elliott D. Landau**
  - 13 **Ser Ativo,** Orson Scott Card
  - 15 **O Sacramento e o Ato de Celebrar um Convênio,** W. Cole Durham Jr.
  - 32 **Milagres, Hoje?** Jay A. Parry
  - 37 **Jejum — Uma Dádiva de Regozijo,** Sheryl Condie Kempton
  - 40 **A Seiva da Vida da Igreja,** Presidente Spencer W. Kimball
  - 42 **A Conversão de Christian,** Gordon Irving
  - 48 **Não Faz Qualquer Diferença,** Barbara Balli
- SEÇÃO INFANTIL**
- 21 **O Milagre,** Sherrie Johnson
  - 26 **O Que Posso Dizer? O Que Posso Fazer?**
  - 25 **Testemunhos de Crianças de Todos os Países**
- NOTÍCIAS LOCAIS**
- 18 Bruno Schmeil, Presidente da Estaca Curitiba Sul
  - 20 Seminário e Instituto Fazem Progresso em Belo Horizonte
  - 29 Tem Estudado Regularmente as Escrituras?
  - 31 Sistema Educacional da Igreja Divulga Seu Staff



**REGISTRO:** está assentado no cadastro da **DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS**, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

**SUBSCRIÇÕES:** Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.* Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 40,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 4,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

**A LIAHONA** — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoletra, R. Abolição, 201, tel. 32-7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribeuí, 331, tel. 276-8222, S. Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.



## O Dia do Senhor - Um Deleite

Pres. Spencer W. Kimball

Certo outono, fui designado a acompanhar a uma conferência de estaca em uma área rural do Oeste montanhoso dos Estados Unidos. Cheguei no sábado à noite, e pernoitei na casa do presidente da estaca e sua família. Na manhã seguinte, iniciamos nossa viagem de automóvel, de aproximadamente dez quilômetros até a capela, e, ao longo do caminho, passamos por diversas fazendas. Era evidente que o dia do Senhor estava sendo guardado pelas pessoas.

Contemplamos magníficos campos de trigo ceifado, e as colhedeadas e tratores parados no meio do campo, exatamente como haviam sido deixadas na noite anterior. Vimos as pilhas de feno parcialmente compostas, e mais feno nos campos, esperando por ser empilhado. Alguns dos cereais já haviam sido colhidos, e outros estavam ainda por se colher. Até mesmo o solo parecia repousar.

Entramos na cidadezinha, e ali também encontramos uma cena de paz e serenidade. Nenhum som de martelo, maquinaria, ou trabalho de qualquer serenidade. Nenhum som de martelo, se chegavam à capela, vindas de todas as direções do vale.

Chamei a atenção do presidente da estaca para um fato assim tão inusitado, e perguntei se os mestres familiares haviam varrido a cidade de ponta a ponta, e advertido o povo que um visitante viria

de Salt Lake City. “Não”, respondeu-me, “nós nos sentimos felizes com a maneira como nosso povo observa o dia do Sábado para santificá-lo. Quase cem por cento das famílias da estaca são representadas em nossas reuniões todos os domingos.” E os relatórios apoiavam suas palavras.

Era um dia belíssimo — calmo, tranquilo, uma suave brisa, cálida e agradável. Os montes ao longe já mudavam sua cor por causa do outono. Havia bonitas fazendas e campos, lares adoráveis, e um doce espírito de contentamento. As reuniões e conselhos daquele dia foram notavelmente pacíficos, produtivos e gratificantes.

Por outro lado, em contraste, ao visitar uma outra conferência de estaca, em outra comunidade, fui acordado bem cedo no domingo por um barulho considerável. Descobri que a causa era certo número de homens vestidos para caçada, e portando seus rifles. Marchavam para as montanhas e “canyons”, a fim de caçarem cervos.

Em outro dia do Senhor, passei, de automóvel, por uma área agrícola e vi muitas colhedeadas e empilhadeiras de feno, e homens atarefados nos campos, na sega do feno.

Em outro domingo ainda, observei filas enormes de pessoas em pé, aguardando



dando a vez para entrar nos cinemas; vi também muitos a caminho da praia ou dos "canyons", com suas cestas de piquenique e equipamentos esportivos.

Tornamo-nos um grande mundo de quebradores do dia do Senhor. Nesse dia, os lagos estão cheios de barcos, as praias lotadas, os divertimentos e programas recebem a maior afluência, e quadras de golfe estão cheias de jogadores. O dia santificado é o escolhido para rodeios, convenções, piqueniques com a família; futebol é praticado no domingo. "Negócios, como sempre", é o lema de muitos, e nosso dia santificado e sagrado tornou-se um mero feriado. E, já que muitos o tratam apenas como um feriado, numerosos são os que satisfazem as necessidades dos amantes da diversão e também do dinheiro.

Para muitos, a quebra do Sábado é uma coisinha insignificante, mas para nosso Pai Celestial, é a desobediência a um dos mandamentos principais. Moisés desceu do trêmulo e fumacento Sinai e trouxe aos filhos errantes de Israel os Dez Mandamentos, que são regras fundamentais para a conduta na vida. Tais mandamentos, não obstante, não eram novos. Eram já conhecidos de Adão e de sua posteridade, que os haviam recebido para vivê-los desde o princípio, e estavam sendo agora apenas reiterados pelo Senhor a Moisés. Tais mandamentos precederam mesmo a vida sobre a terra, e faziam parte das provas estabelecidas para os mortais no concílio dos céus"... para ver se eles farão todas as coisas que o Senhor seu Deus lhes mandar." (Abraão 3:25.)

O primeiro dos Dez Mandamentos requer que os homens adorem ao Senhor; o quarto designa um dia de Sábado especial para tal adoração:

"Não terás outros deuses diante de mim..."

Lembra-te do dia do Sábado, para o santificar.

Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra;

Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro que está dentro das tuas portas.

Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou: portanto abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou." (Êxodo 20:3, 8-11.)

O solene mandamento, trazido do trovejante monte Sinai foi "lembra-te do dia do sábado, para o santificar". Tal mandamento jamais foi revogado ou modificado. Em vez disso, foi reiterado nos dias atuais:

"Mas, lembra-te de que neste, o dia do Senhor, oferecerás as tuas oblações e teus sacramentos ao Altíssimo, confessando os teus pecados aos teus irmãos e perante o Senhor.

E, neste dia, não farás nenhuma outra coisa, somente seja o teu alimento preparado com singeleza de coração, para que o teu gozo seja completo." (D&C 59: 12-13.)

Caçar ou pescar no dia do Senhor não é santificá-lo. Plantar, cultivar ou colher no Sábado não é santificar esse dia. Descer aos "canyons" para piqueniques, comparecer a rodeios, corridas, jogos, entretenimentos ou quaisquer diversões nesse dia não é mantê-lo em sagrada recordação.

Embora soe estranho, alguns santos dos últimos dias, fiéis em todos os demais aspectos, justificam-se a si mesmos, faltando a reuniões da igreja, a fim de servirem a propósitos recreativos, achando que perderão a melhor pesca, se não estiverem a postos na abertura da temporada, ou que as férias não terão sido longas o suficiente, se não partirem no domingo. Acham também que perderão aquele filme tão ansiosamente aguardado,

se o não virem no domingo. E ao quebrarem o dia santificado, freqüentemente levam suas famílias consigo.

Disse o Salvador: “Qualquer pois que violar um destes mais pequenos mandamentos, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus...” (Mateus 5:19.)

Não se critica a recreação adequada e legítima — esportes, piqueniques, jogos, e filmes. Tudo isso traz em si um potencial de revitalização, e a Igreja, como organização, patrocina ativamente tais programas. Mas há hora certa e local adequado para todas as coisas louváveis — uma hora para o trabalho, uma hora para a diversão, uma hora para a devoção e adoração.

Por vezes, a observância do dia do Senhor é algo que requer sacrifício e abnegação, mas tal não corresponde à verdade. É meramente o resultado de se planejar e escolher o nosso tempo. Há tempo suficiente, principalmente no mundo atual, durante os seis dias da semana, para fazermos nosso trabalho e termos nossa diversão. Muito pode ser feito para se organizar e incentivar atividades durante os dias da semana, poupando o Sábado.

Um conselho de Escoteiros estava habituado a programar seu acampamento de verão, de sorte que os escoteiros partiam num domingo e retornavam no domingo seguinte. Os jovens SUD eram então privados de suas atividades religiosas em dois domingos sucessivos. Uma amigável sugestão ao Conselho fez com que as autoridades procedessem à mudança, de modo que o período de acampamento começasse numa sexta-feira e prosseguisse até a próxima sexta-feira. O domingo de intermédio era planejado para que houvesse serviços religiosos aos rapazes acampados.

Um grupo do seminário planejou uma atividade nas montanhas durante o domingo. Justificaram-se, afirmando que

havam planejado para a excursão uma reunião de testemunhos como parte das atividades do dia. Realizaram sua reunião e tiveram um momento espiritual juntos, mas, após aquela hora, o dia transformou-se em piqueniques, jogos, passeios a pé, e escalada de montanhas, sem que nenhum pensamento fosse dirigido para o dia do Senhor. Uma hora devocional não transformou aquele dia num dia santificado.

O propósito do mandamento não é proibir algo ao homem. Todos os mandamentos que Deus dá a seus servos, objetivam beneficiar os que os recebem e obedecem. É o homem que se beneficia da cuidadosa e estrita observância, e isto inclui o dia santificado. É também o mesmo homem que sofre com a quebra deliberada das leis de Deus.

O mandamento tem sua parte negativa; que no Sábado... “... não farás nenhuma obra...” (Êx. 20:10), mas também tem sua parte positiva. Nesse dia... “... irás à casa de oração e oferecerás os teus sacramentos... (prestarás) a tua devoção ao Altíssimo... com um coração alegre e rosto contente.” (D&C 59: 9-10, 15.)

O dia do Senhor não se destina ao ócio dentro de casa, nem a passeios inúteis pelo jardim, mas é um dia de consistente freqüência às reuniões para adoração ao Senhor, para se sorver da fonte de conhecimento e instrução, gozar o convívio familiar, e descobrir-se música e cânticos enobrecedores.

O Sábado é um dia santificado no qual fazemos coisas dignas e santas. Abstinência do trabalho e recreação é importante, mas não o suficiente. O Sábado exige atos e pensamentos construtivos, e se alguém meramente não faz coisa alguma nesse dia, também o está quebrando. Para observá-lo, as pessoas estarão de joelhos em oração, estarão preparando aulas, estudando o evangelho, meditando, visitando os doentes e aflitos, escrevendo

cartas a missionários, cochilando muito rapidamente (não longas horas de sono durante o dia), lendo algo sadio e edificante, e freqüentando todas as reuniões daquele dia, como é esperado que faça.

Um homem bom, porém redondamente enganado que conheço, afirmou-me que obteria mais de um bom livro no domingo em vez de freqüentar os serviços da igreja, dizendo que os sermões estavam muito aquém de seu nível. Porém o fato é que não comparecemos às reuniões no domingo para nos entreter, nem mesmo unicamente para sermos instruídos. Vamos, sim, para adorar ao Senhor. É esta uma responsabilidade individual, a despeito do que se ouça do púlpito. Se alguém deseja adorar ao Senhor em

**“Não comparecemos  
às reuniões no domingo  
para nos entreter,  
nem mesmo unicamente para  
sermos instruídos.  
Vamos, sim, para adorar  
ao Senhor. Se o  
serviço lhe parece falho,  
você é que falhou.  
Ninguém pode adorar em seu  
lugar: você precisa  
fazer sua adoração própria  
e pessoal ao Senhor.”**

espírito e verdade, pode fazê-lo freqüentando as reuniões, participando do sacramento, e meditando sobre as belezas do evangelho. Se o serviço lhe parece falho, você é que falhou. Ninguém pode adorar em seu lugar; você precisa fazer sua adoração própria e pessoal ao Senhor.

Com respeito a este mandamento, entre outros, sigamos o profeta Josué: “Agora, pois, teme ao Senhor, e servi-o com sinceridade e com verdade... escolhi hoje a quem sirvais... Porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor.” (Josué 24: 14-15.)

Podemos, destarte, esperar as bênçãos prometidas aos filhos de Israel:

“Guardareis os meus sábados, e reve-renciareis o meu santuário: eu sou o Senhor.

Se andardes nos meus estatutos, e guardardes os meus mandamentos, e os fizerdes.

Então eu vos darei as vossas chuvas a seu tempo, e a terra dará a sua novidade, e a árvore do campo dará o seu fruto:

E a debulha se vos chegará à vindima, e a vindima se chegará à semelhança: e comereis o vosso pão a fartar, e habitareis seguros na vossa terra.

Também darei paz na terra, e dormireis seguros, e não haverá quem vos espante.” (Levítico 26:2-6.)

Muitas indústrias desenvolvem atividades segundo se diz, que não podem ser interrompidas no domingo — em tais indústrias, os operários “têm de” trabalhar no domingo. Isso pode ser verdade. Mas “a necessidade é a mãe da invenção”, e tenho freqüentemente pensado acerca de quanto tempo se levará para se inventarem novos métodos de produção, que não requeiram o trabalho no domingo, se todos, numa determinada indústria simplesmente decidirem santificar esse dia.

O Salvador sabia que o boi se atola no pântano, e que alguém precisa tirá-lo de lá, se necessário. Mas ninguém coloca o boi deliberadamente no atoleiro todas as semanas, ou permite-lhe ali atolar-se, sem fazer qualquer esforço para evitá-lo.

É verdade que algumas pessoas necessitam trabalhar no domingo. E, de fato, algumas das obras feitas nesse dia, e que são realmente necessárias — como cuidar dos doentes — servem, na verdade, para santificá-lo. Entretanto, em tais oportunidades, as razões são algo que merece importante consideração.

Quando homens e mulheres desejam trabalhar no Sábado, para aumentar sua riqueza material, estão quebrando os man-

damentos; pois o dinheiro ganho no dia do Senhor, se o trabalho não é necessário, é dinheiro imundo. Podem vocês imaginar uma pessoa trabalhando no Sábado, desafiando o mandamento do Senhor, e aí trazendo seus dízimos, ou qualquer quantidade desse fruto mal ganho de seu labor como oferta a ele? Assim como nos tempos do Velho Testamento, as ofertas apresentadas ao Senhor devem ser “sem mácula”, e o dinheiro ganho desnecessariamente no dia santificado não pode assim ser considerado.

Quebradores do Sábado são também aqueles que adquirem bens ou se divertem nesse dia, incentivando os palácios do prazer e os estabelecimentos comerciais a permanecer abertos, o que, outra maneira, não ocorreria. Se comprarmos, vendermos, trocarmos, ou pagarmos no dia do Senhor, somos rebeldes como o foram os filhos de Israel, e as terríveis conseqüências de suas transgressões contra este e outros mandamentos devem ser uma advertência permanente a nós todos.

Muito embora as antigas leis em Israel prescrevessem imediata e severa punição aos que violassem o Sábado, não podemos considerar que a lei era mais importante naquele tempo, do que é hoje.

A importância de se reverenciar o Sábado foi reiterada em nossos dias ao Profeta Joseph Smith, em revelação do Senhor:

“E, para que te conserves limpo das manchas do mundo, irás à casa de oração e oferecerás os teus sacramentos no meu dia santificado.” (D&C 59:9.)

Deve-se notar que o mandamento afirma “irás.”

“Pois, na verdade, este é um dia designado a ti para descansares de teus trabalhos e prestares a tua devoção ao Altíssimo;

Contudo, teus votos serão oferecidos em retidão todos os dias e em todos os tempos;

Mas lembra-te de que neste, o dia do Senhor, oferecerás as tuas oblações e teus sacramentos ao Altíssimo, confessando os teus pecados aos teus irmãos e perante o Senhor.

E, neste dia, não farás nenhuma outra coisa, somente seja o teu alimento preparado com singeleza de coração, para que o teu jejum seja perfeito, ou, em outras palavras, para que o teu gozo seja completo.” (D&C 59:10-13.)

Observe-se aqui que, enquanto o Senhor ressalta a importância do dia santificado e sua adequada guarda, requer de seu povo “. . . retidão todos os dias e em todos os tempos.”

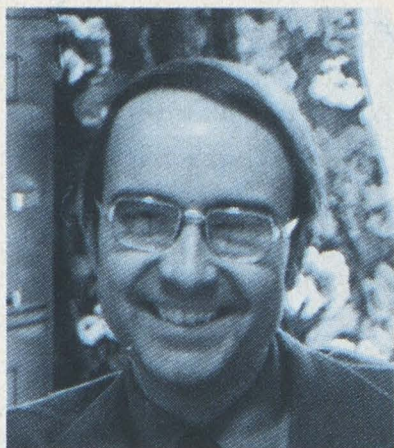
Em minhas viagens, tenho encontrado pessoas fiéis que não aceitam lucro e nem negociam coisas proibidas no Sábado. Encontrei vaqueiros que não fazem rodízios no Sábado; bancas de frutas ao longo das rodovias, geralmente abertas dia e noite durante as estações frutíferas; mas fechadas no Sábado; drogarias, restaurantes, e bancas de comércio à beira do caminho fechados no dia do Senhor — e os proprietários parece que se arranjam, e sobrevivem, e ao mesmo tempo, obtêm satisfação genuína, vivendo a lei. E sempre que vejo boas pessoas evitando esse tipo de ganho, regozijo-me e sinto dentro de meu coração desejo de abençoá-las por sua fé e perseverança.

Diz o Senhor, através do profeta Isaías: “Se desviares. . . de fazer a tua vontade no meu santo dia, e se chamares ao sábado deleitoso, e santo dia do Senhor digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falar as tuas próprias palavras.

Então te deleitarás no Senhor, e te farei cavalgar sobre as alturas da terra, e te sustentarei com a herança de teu pai Jacó; porque a boca do Senhor o disse.” (Isaías 58:13-14).

# Perguntas e Respostas:

*Perguntas de interesse geral  
sobre o evangelho, respondidas  
no sentido de orientar  
e não como declaração  
oficial da Igreja.*



Steve Gilliland,  
diretor do Instituto SUD,  
Cambridge, Massachusetts

## **Deve um Santo dos Últimos Dias ter um emprego que lhe exija o trabalho aos domingos?**

“**F**azemos rodízio de empregados aqui, e todos têm seu turno aos domingos, quando chega a vez”, disse o chefe da turma. Um de seus empregados, santo dos últimos dias, ansioso por santificar o dia do Senhor, também está preocupado em ter sua renda garantida. Os empregos estão difíceis. Pode ele simplesmente abandonar seu bom emprego, a fim de honrar o Sábado? Será que deveria estar preocupado com esse assunto?

Para alguns, a questão de se trabalhar ou não no domingo pode simplesmente ser respondida: “se seu emprego exige que você trabalhe no domingo, arranje outro.” Entretanto, o problema requer análise mais profunda.

Por exemplo, há alguns serviços essenciais que precisam de continuidade no domingo. Os que proporcionam os atendimentos de emergência, como pessoal hospitalar, motoristas de ambulâncias, policiais e bombeiros, precisam estar a postos o dia inteiro, todos os dias. Se os ônibus e táxis pararem simplesmente, no domingo, como aqueles que não têm outro meio de transporte podem chegar até a Igreja? E que tal o pessoal de hotelaria? As pessoas ficam por vezes hospedadas, para evitarem as viagens domingueiras.

Algumas coisas *devem* ser feitas no domingo. E parece claro que não mantemos uma posição no sentido de que tais tarefas devam ser feitas estritamente por não-membros. Necessitamos de santos dos últimos dias em todas as ocupações honradas, para que abençoem e influenciem aqueles com quem trabalham e aqueles a quem servem.

O problema do trabalho no dia do Senhor torna-se, então, um assunto individual. Sabendo-se que alguns trabalhos no domingo não são apenas justificados, mas também necessários, devemos perguntar-nos “na minha situação, o trabalho no domingo é inevitável?”

Muito embora nossa decisão venha a afetar a vida de muitas pessoas, todo

o peso dela repousa sobre a própria pessoa. Entretanto, não precisamos resolver o assunto sozinhos. O Senhor prometeu inspiração e diretriz em tais decisões importantes.

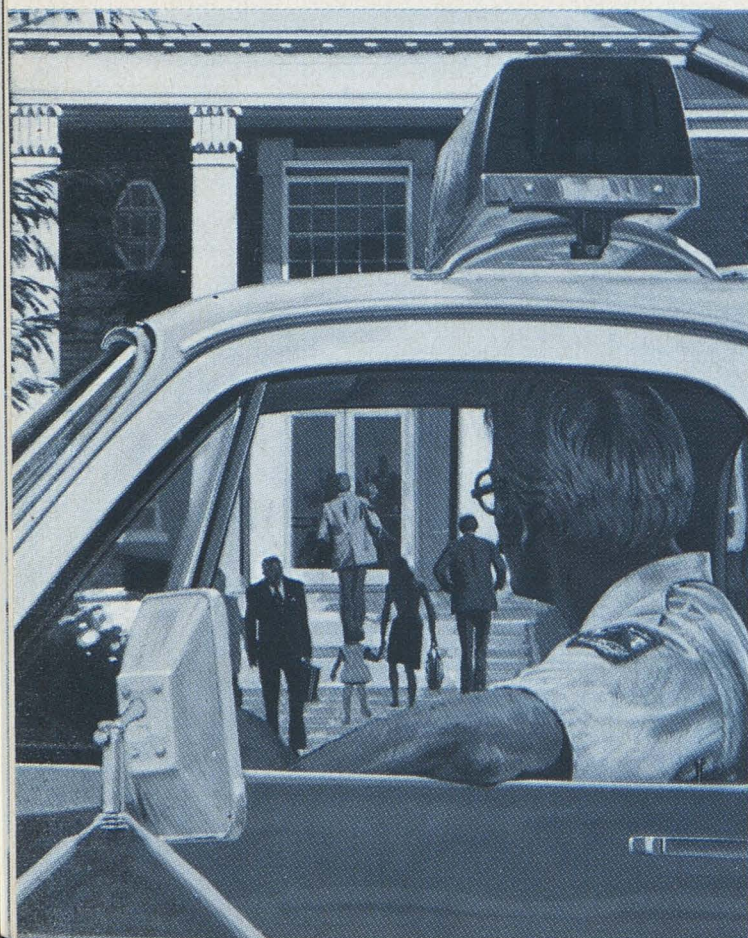
Se você já está empregado e precisa trabalhar aos domingos, pergunte-se o seguinte:

Existe alguma alternativa para esse trabalho domingueiro? É possível modificar meu horário?

Se eu não trabalhar aos domingos, isso não colocaria um fardo injusto sobre os demais empregados? É possível estabelecer-se o sistema de turnos?

Se eu deixar esse emprego, o que acontecerá a minha família? Existem outras possibilidades de emprego que possam manter-nos seguros, e ainda assim nos permitam participar integralmente na Igreja e obedecer aos mandamentos do Senhor?

Existe uma ala que eu possa frequentar parcial ou integralmente, mesmo que esteja trabalhando?



Estou certo de que não estou escudando em meu emprego, como desculpa para a preguiça?

Debata essas perguntas com sua esposa ou família; e apresente suas conclusões para o conselho do Senhor.

E se, após muita oração, a sua decisão, aceita pelo Senhor, é de que você deve continuar, ou aceitar uma carreira que requeira alguns trabalhos no domingo, siga o curso conforme orientado pelo Espírito, e perdoe alguns Santos, os quais, por não compreenderem, poderão, eventualmente, criticá-lo.

Como se pode cuidar do crescimento espiritual, se há necessidade de se fazer trabalho aos domingos? As seguintes sugestões vieram de Santos dos Últimos Dias que as acharam úteis:

1. Inicie seu Sábado com um serviço devocional especial. Se você é casado, inclua sua família. Por causa de viagens, ou de horas inadequadas, alguns começaram o dia santificado no sábado à noite.

2. Durante a viagem, leia as escrituras ou publicações da igreja. O Guia de Estudo Individual do Sacerdócio de Melquisedeque tem sido benéfico para aqueles irmãos que precisam abster-se da reunião do sacerdócio.

3. Se seu trabalho exige que você dirija muito tempo, ou se é o tipo de tarefa que não requer concentração máxima, mas, ainda assim, não lhe permite a leitura, ouça fitas "cassete", o que poderá ser muito recompensador. Em alguns lugares, é possível obter-se fitas gravadas com as escrituras ou com discursos da conferência geral.

4. Vista-se adequadamente para o domingo, mesmo que tenha de trocar de roupa ao chegar ao serviço, especialmente se você tem possibilidade de assistir às reuniões em alguma ala.

5. Procure sempre fazer um serviço extra, seja bastante cortês e amável. Evite

ficar reclamando: "Gostaria de não ter que estar aqui hoje." Não fique desculpendo-se por estar ali. Esteja em espírito de oração e deixe que o Senhor o oriente, a fim de que possa abençoar aqueles que estão à sua volta.

6. Seja um missionário. Você não é o único que se lembra que é domingo. Às vezes, as pessoas estão mais propensas a conversar sobre religião no domingo que em outros dias. Preste seu testemunho.

7. Se for possível, freqüente as reuniões da igreja integral ou parcialmente. Às vezes, será necessário esgueirar-se para dentro das reuniões em suas próprias roupas de trabalho, simplesmente para ali poder estar — seria uma vergonha não assistir a uma reunião, simplesmente porque você não teve tempo de mudar de roupa.

8. Um médico interno faz com que sua esposa e filhos venham até o hospital para almoçarem com ele, e então fica com a família alguns minutos em um canto, lendo e debatendo sobre o evangelho. As crianças revisam a aula da escola dominical. Vendo seu exemplo, outros trabalhadores, não membros da Igreja, começaram a também convidar suas famílias para que fossem almoçar no hospital. Um simples e silencioso exemplo está fazendo diferença para muitas vidas.

9. Um irmão jamais deixa de ter a oração familiar no domingo, mesmo que isso signifique ficarem todos juntos a um telefone durante a oração.

10. Dedique mais tempo à oração e meditação nos outros dias da semana.

11. Use o tempo dos intervalos e divagações para ler as escrituras e meditar. Convide outros para que leiam e estudem as escrituras com você durante as folgas.

Os que têm de trabalhar no domingo, sempre declaram que sentem muita falta

das reuniões. Alguns que tinham antes o hábito de reclamar das reuniões, agora afirmavam que estavam verdadeiramente famintos de adorar, juntamente com os outros santos. "Só de sentar ali e cantar os hinos com os santos já é um privilégio especial", disse um deles. "Parece-me muito importante ir a todas as reuniões da Igreja agora. Mesmo após trabalhar doze horas, tento encontrar uma reunião da Igreja para assistir." E alguns também fazem serviços especiais de adoração nos outros dias da semana, juntamente com suas famílias.

Esses santos fiéis que têm tentado sentir as experiências de um dia santificado a cada semana, mesmo que tenham de trabalhar no domingo, fazem-me pensar que, embora eu não trabalhe nesse dia, às vezes não o torno um dia tão espiritual e especial quanto deveria. Esses irmãos têm-me motivado a me esforçar mais por fazê-lo.

E fico pensando se não é a responsabilidade de cada um de nós que não trabalha no domingo, também auxiliar os que têm de fazê-lo, a terem um bom dia do Senhor. Por que não poderiam os mestres familiares e amigos tomar notas nas reuniões do sacerdócio e sacramentais para compartilhar com eles posteriormente?

O emprego aos domingos deve ser evitado, sempre que for possível. E quando um membro da igreja precisar trabalhar nesse dia, ainda assim, deverá esforçar-se ao máximo para guardá-lo.

O Senhor nos julga pelas intenções de nosso coração, e nos guia, quando buscamos seu conselho fielmente, e nos ajudará a vencer os problemas da vida, se vivermos com retidão. O dia do Senhor, semelhantemente aos demais dons de Deus, foi feito para o homem; e seja qual for a nossa situação, se buscarmos seu auxílio, o Senhor nos guiará aos caminhos condizentes com a participação nas bênçãos do Sábado.



Robert J. Matthews,  
encarregado do Departamento  
de Escrituras Antigas,  
Brigham Young University

## Qual a razão de observarmos o Sábado no Domingo, quando o Sábado bíblico parece ter sido no sétimo dia?

O Sábado tem diversos propósitos e objetivos. É um dia sagrado e santo, especificado nas escrituras como não apenas de descanso, mas também de adoração. A palavra deriva do hebraico *shabbath*, significando “interrupção”, ou “desistência”, e nisso se deduz a idéia de descanso.

Mas num melhor sentido, o descanso não significa ociosidade; significa apenas uma transferência de ênfase. Em termos mais simples e claros, “guardar santificado o dia do Sábado”, significa cessar (interromper) ou descansar dos labores seculares da semana, e utilizar o dia especificado para adorar a Deus, e fazer o bem a nosso semelhante. É um dia para obras espirituais e refrigério, se comparado às responsabilidades seculares dos outros dias.

Quando os fariseus criticaram os discípulos por colherem espigas de milho

na Sábado, Jesus explicou-lhes que... “o Sábado foi feito para o homem, e não o homem para o Sábado.

Eis, portanto, que o Sábado foi dado ao homem como um dia de descanso; e também para que o homem glorificasse a Deus, e não para que o homem nele não comesse;

Pois que o Filho do Homem fez o dia do Sábado, e portanto, o Filho do Homem é Senhor também do Sábado.” (Marcos 2:25-27, Versão Inspirada da Bíblia, tradução livre.)

Não apenas isso reflete uma visão pragmática do Sábado, como também ilustra sua natureza múltipla: 1) o dia santificado é para o benefício do homem; 2) é um dia de descanso; 3) é um dia de adoração; e 4) Jesus é o criador do Sábado e é seu Senhor em qualquer era da história do mundo.

*Qual dia é o correto para o Sábado?* O Sábado tem significado eterno. O Velho Testamento declara que o Sábado deve ser observado como um “... concerto (estatuto, convênio) perpétuo.” (V. Êxodo, 31:13-17), o que quer dizer que não precisa necessariamente ser para todo o sempre no mesmo dia. Em vez disso, implica que o Sábado é um convênio para a eternidade — ou seja, tem significado eterno — e os mortais dele necessitam em todas as gerações para um freqüente rejuvenescimento espiritual. O contexto dessa passagem parece esclarecer dessa forma esse assunto. É evidente da leitura da Bíblia, que o dia santificado era o sétimo da semana, durante os dias do Velho Testamento, ao passo que no Novo Testamento, o dia do Sábado era chamado “o dia do Senhor” (Apocalipse 1:10), e era observado no primeiro dia da semana (Atos 20:7), honrando-se, assim, a ressurreição de Jesus Cristo, saído da tumba. Na atual dispensação, o Senhor chamou ao dia de adoração “... Meu dia santificado”, em uma revelação dada ao Profeta

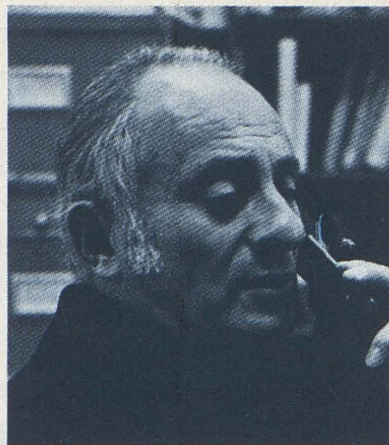
Joseph Smith, no *domingo*, dia 7 de agosto de 1837. (V. D&C 59:9-10.)

Tradicionalmente, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias tem reconhecido o Domingo como o dia de adoração, de acordo com o padrão estabelecido em Doutrina e Convênios, seção 59. Entretanto, no Oriente Médio, hoje, alguns ramos da Igreja observam o Sábado em outros dias que não o domingo, para estar de acordo com os costumes dos países onde estão localizados. Isto é necessário, para que as reuniões sejam realizadas na hora em que os membros da Igreja possam estar presentes.

Uma vez que o Sábado é para o homem, e não o homem para o Sábado (V. Marcos 2:23-28), e já que seu propósito não é o de ser meramente um dia de descanso para o indivíduo, mas também um dia de instrução espiritual e adoração pública, é importante que o dia do Sábado seja observado em circunstâncias que permitam às pessoas estarem presentes. O fato significativo então parece não ser *qual* dia é observado, mas sim *como e por que* o dia é guardado, e que o grupo de adoradores do local observe o mesmo dia a cada semana.

Na Igreja, o assunto da guarda do dia do Senhor pode ser estabelecido de modo efetivo do fato de que os doze presidentes que se sucederam à testa da Igreja, desde Joseph Smith até o Presidente Spencer W. Kimball, consideraram conveniente observar o domingo, como sendo o dia adequado, e assim estabeleceram o padrão. O fator importante é que os programas da Igreja estão sob a diretriz do santo sacerdócio e têm a aprovação do Presidente da Igreja — o profeta, vidente e revelador, e representante do Senhor na terra.

Quando raras exceções precisam ser estabelecidas, quanto ao dia especificado, conforme citado acima, a autoridade do sacerdócio apropriada é capaz de tomar a decisão.



Elliott D. Landau,  
encarregado do Comitê das Crianças,  
Junta Geral da Escola Dominical

## Que benefícios recebem as crianças ao tomarem o Sacramento antes da idade da responsabilidade?

**E**mbora as crianças antes dos oito anos "... não (possam) pecar, pois a Satanás não é dado o poder para tentar criancinhas, até que se tornem responsáveis perante Mim" (D&C 29:47), tem sido prática, na Igreja, de se oferecer o sacramento às crianças.

O ato de participar do sacramento serve para lembrar aos indivíduos dignos 1) que precisam recordar-se do corpo trespassado e do sangue derramado daquele que foi crucificado pelos pecados do mundo, 2) que devem tomar sobre si mesmos o nome de Cristo e recordá-lo sempre, e 3) que devem ".'. (viver) de toda a palavra que sai da boca de Deus" (D&C 84:44). Permitir às crianças que participem *não* significa nem indica que elas têm as mesmas necessidades de arrependimento que um adulto; entretanto, participar do sacramento pode ajudá-las

a amar ao Senhor e a obedecer a seus mandamentos.

A observação tem-nos ensinado que os processos de crescimento relacionados com coisas como atitudes, hábitos e disposições, iniciam-se desde tenra idade. Ficamos freqüentemente impressionados com a idéia de que as crianças, em nossos lares e nas reuniões da igreja, estão tendo limitada, porém concreta reação espiritual às tentativas feitas para motivá-las no nível da espiritualidade. Podemos também observar que sua reação às coisas espirituais freqüentemente precede ou excede sua compreensão intelectual.

Em outras palavras, podemos visualizar reações conscientes e crescimento no âmbito espiritual, antes que uma criança comece a tornar-se responsável por suas escolhas morais. Sua inocência moral não implica necessariamente completa incapacidade espiritual. Uma criança é capaz de ter sentimentos acerca de Deus, ao repetir uma oração ou escutar alguma. Ela pode pensar momentaneamente acerca de Jesus, ao ser instruída a curvar sua cabeça e fechar os olhos — especialmente se for convidada a assim agir antes do início da oração.

É especialmente importante que as lições menos palpáveis, menos tangíveis, do ponto de vista doutrinário, recebam maior atenção e repetição. O sacramento é um dos veículos disponíveis mais importantes para se fazer isso. Embora a duração contínua da atenção de uma criança pequena seja muito curta, pode desenvolver-se o sentimento de que par-

tilhar do sacramento é uma ocasião especial, que Jesus é uma pessoa especial, e que o pão e a água relacionam-se de algum modo, com ele. Tornar-se responsável, todavia, é um fato gradual e não repentino, e uma idéia mais madura de se fazer uma promessa a Jesus e de se receber bênçãos através dele, pode muito bem ter — e deve ter — seu início antes da idade de oito anos.

Tanto no serviço de adoração da Escola Dominical Júnior como na reunião sacramental, as crianças vêem suas famílias e companheiros mais velhos tomando o sacramento, e esta repetição semanal, desde os dias em que engatinhavam até a idade de oito anos, ajuda-as a modelarem-se segundo o exemplo dessas pessoas importantes.

Sob as circunstâncias acima descritas, participar do sacramento pode não apenas iniciar um padrão que prosseguirá e continuará a ser seguido na idade mais avançada, mas também torna-se um alicerce dinâmico, revitalizante e progressivo para o crescimento espiritual. Portanto, quando as crianças participam do sacramento, mesmo que ainda sejam emocionalmente imaturas e relativamente ignorantes quanto às doutrinas de salvação, não se trata de um gesto meramente mecânico e quiçá inútil. O espírito pode falar ao espírito, e atitudes podem gerar atitudes. Embora as crianças não obtenham da participação do sacramento o mesmo que os adultos, algumas de suas importantes necessidades são atendidas através dessa ordenança.

# SER ATIVO

(é algo que começa, e não termina, com as reuniões do Domingo)

Orson Scott Card



A idéia de ser ativo só foi plenamente compreendida por ele quando um amigo seu, muito querido, faleceu. “Eu pretendia visitar o Brian no hospital”, dizia ele, “mas tive que fazer visitas como mestre familiar na terça-feira à noite, e na quarta eu tive uma reunião do comitê. Quinta-feira foi o dia de minha entrevista pessoal do sacerdócio, e minha mulher precisava sair em seguida para levar sua classe de Abe-lhinhas para a atividade de patinação. E na sexta-feira à noite, fiquei escrevendo meu discurso para a reunião sacramental.”

E então, no sábado pela manhã, o telefonema do filho de Brian. “Sei que você e papai eram muito amigos”, dizia a voz do outro lado do fio. “Achei que você queria saber.”

“Querer saber?” dizia ele pouco depois. “Eu queria muito mais que saber. Queria voltar as horas do relógio, voltar o calendário, e utilizar as poucas horas que seriam necessárias para ir ao hospital, falar acerca dos velhos tempos, relembrar a meu amigo de meu amor a ele, dar-lhe algum consolo em seus últimos momentos, talvez aliviá-lo do medo ou da solidão antes que morresse. Mas

eu estava muito ocupado na Igreja!”

Tal experiência me ensinou algo: “É possível que você seja tão ativo na Igreja, que esqueça de ser ativo no evangelho.”

Mas talvez uma melhor maneira de se pensar a respeito disso seja: “as reuniões a que assistimos são para nossa preparação. Frequentar as reuniões deve ser apenas uma pequena parte de nossa atividade na Igreja. As reuniões são o lugar onde aprendemos a ser ativos.”

A atividade no Evangelho existe na mesma intensidade em nossos lares, entre nossos amigos, no trabalho, na comunidade, entre estranhos, ou sozinho em oração, como existe dentro de uma reunião!

A Igreja nos proporciona muitas oportunidades para a atividade: mestres familiares e professoras visitantes têm esplêndidas oportunidades para servir aos outros; os professores podem elevar, inspirar, e renovar a fé possuída por seus alunos; os líderes dos quoruns podem organizar seus irmãos em boas obras.

Mas, se pararmos aqui, ficando satisfeitos com a idéia de que nosso relatório de frequência indica que somos suficientemente ativos, então, de certo modo, somos semelhantes ao servo que escondeu o seu talento na terra. A Igreja nos provê certo número de oportunidades — porém, temos a responsabilidade de aumentá-las e magnificá-las.

Se todas as nossas boas obras se concentrarem dentro das paredes da capela, como iremos deixar que nossa luz brilhe diante dos homens?

Se nós, como o levita e o sacerdote, estamos tão absortos em nossos assuntos religiosos, que perdemos oportunidades de fazer caridade aos estranhos, estaremos amando a nosso próximo como a nós mesmos?

O dia santificado é aquele que o Senhor nos deu para reedificarmos, revigorarmos, e fortalecermos nossos espíri-

tos e descansarmos nossos corpos, para podermos então sair e viver perfeitamente o evangelho durante a semana.

“E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse caridade, nada seria.” (1 Coríntios 13:2.)

Uma paráfrase: e ainda que frequentasse fielmente todas as reuniões necessárias, e cumprisse meus chamados, e fizesse as visitas do Ensino Familiar na primeira semana do mês; e ainda que, de todas as maneiras eu fosse um membro ativo da Igreja, e não despendesse tempo em amor e serviço para outrem, não seria ainda um Santo, pois ainda não amaria o Senhor com *todo* o meu coração, poder, mente e força; e não amaria meu próximo como a mim mesmo.

Que o Sábado seja um dia para auto-análise. (Quão ativos fomos durante a semana, no serviço ao Senhor e a seus filhos?)

Que o Sábado seja um dia para se frequentar reuniões, partilhar com outros nosso espírito, nossa compreensão de como servir ao Senhor.

E então, utilizemos os demais dias da semana para seguir o exemplo de Cristo: trazendo alegria a todos os que pudermos. “Porque tive fome”, disse o Senhor, “e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me;

Estava nu e vestistes-me; adoeci e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me.” (Mateus 25:35-36.)

Estamos rodeados por necessitados, tanto espiritual quanto fisicamente. Para sermos ativos na Igreja, devemos retirar algum tempo de nossas ocupadíssimas agendas, para atender a tais necessidades. Pois que as dádivas que oferecemos aos que estão à nossa volta, também são oferecidas ao nosso Salvador.

# O Sacramento e o Ato de Celebrar um Convênio

Adaptado de um artigo de  
W. Cole Durham Jr.

**P**arece-me que o sacramento significa muito mais que simplesmente sentar-me quieto, e pensar em Cristo, enquanto participo dos emblemas que simbolizam sua expiação e sacrifício. O sacramento é um elemento vital no processo de arrependimento. “Em retidão oferecerás um sacrifício ao Senhor teu Deus, sim, o de um coração quebrantado e espírito contrito... . irás à casa de oração e oferecerás os teus sacramentos no meu dia santificado.” (D&C 59:8-9.)

Se nos achegarmos ao sacramento em atitude de estarmos ativamente trazendo uma oferta pessoal, específica — uma humilde promessa de superar uma fraqueza que nos separa do Salvador — o sacramento terá muito mais significado em nossa vida.

Tudo o que é feito e que se relaciona com o sacramento, objetiva aumentar nossa compreensão do sacrifício expiatório. Desde que o sacramento foi instituído pela primeira vez, os homens re-

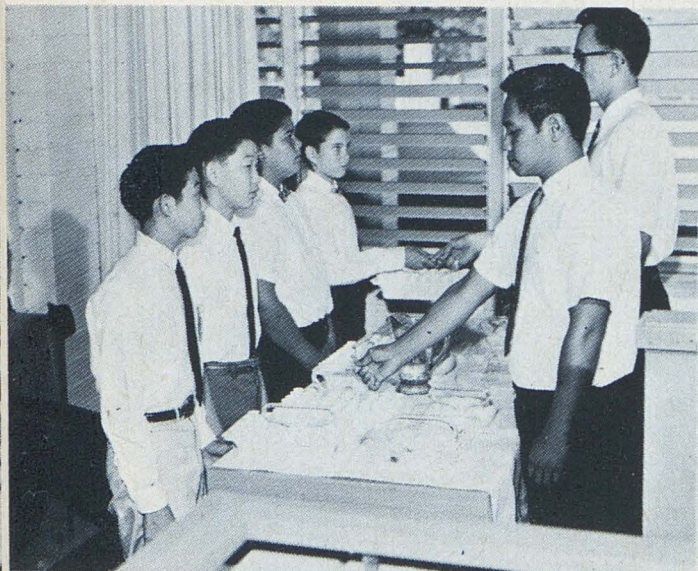


ceberam mandamento de tomá-lo em lembrança da expiação. "... Fazei isto em memória de mim", foi o mandamento do Salvador aos Doze no cenáculo. (Lucas 22:19.) Os sacerdotes que abençoam o sacramento em nossas alas e ramos a cada semana oram "... para que o comam em lembrança do corpo de teu Filho..." (o pão), e "... que possam fazê-lo em lembrança do sangue de teu Filho, que por eles foi derramado" (a água) para "... que testemunhem a ti, Ó Deus, Pai Eterno, que sempre se lembram dele..." (D&C 20:77-79.)

Mas, como podemos obter uma verdadeira lembrança de Cristo? Quais as oportunidades que o sacramento nos proporciona, para que cheguemos mais perto do Salvador? Em um aspecto, o conceito de tomar sobre nós o nome de Cristo, referência que é feita na oração sacramental, ajuda-nos a ficarmos alerta quanto ao nosso relacionamento pessoal com o Redentor. Tomamos sobre nós o nome de Cristo ao nos filiar-mos à sua Igreja; passamos a ser conhecidos como membros da A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Mas tomar so-

bre nós o nome do Salvador é um conceito muito mais amplo que esse. Em virtude do convênio batismal, tornamo-nos "... progênie de Cristo, filhos e filhas dele, pois eis que, neste dia (do batismo), ele vos gerou espiritualmente..." (Mosiah 5:7). Seu nome é o único "... pelo qual se obterá a salvação..." (Mosiah 5:8), e, enquanto vivermos dignos desse nome, desenvolveremos uma constante atenção e testemunho quanto ao poder do sacrifício expiatório de Cristo.

Ao ativamente honrarmos o compromisso sacramental de guardar os mandamentos, recebemos força espiritual. E uma vez que começamos a compreender a importância da renovação de nossos convênios através de nossa ação e crescente compromisso pessoal, compreendemos que aprender a participar do sacramento em seu sentido mais amplo, requer algo mais que meramente ficar sentado todo o tempo durante dois períodos sacramentais a cada domingo. É uma tarefa que envolve todos os aspectos de nossa vida. Tal não é surpresa, uma vez que os convênios renovados pelo sacramento, exigem, finalmente, que entreguemos nos-



sas "... almas inteiras, como dádiva..." (Ômni 26) a Cristo. Isto parece ser uma coisa impossível de se fazer, até que entendamos que o sacramento, em si mesmo, divide o processo da perfeição em pequenos segmentos semanais, os quais podemos manobrar. O sacramento é um meio que permite ao Senhor tomar-nos pela mão, purificar novamente nossas almas, arrefecer nossos fardos, e guiar-nos em nossos caminhos.

Encarado desta maneira, o sacramento torna-se um processo de se fazer convênio, um processo de recordação e renovação de compromissos. Qual a melhor maneira de recordarmos e renovarmos compromissos? Seria um erro imaginar-se a existência de uma resposta fácil ou mecânica para tal pergunta. Todavia, há algumas coisas relativamente simples que podemos fazer, e que grandemente proporcionarão a influência do poder do sacramento em nossa vida. Falando simplesmente, devemos vir para o sacramento preparados para fazermos convênio com o Senhor. Devemos estar predispostos e já ter feito um esforço suficiente antes da reunião, para podermos honestamente concordar com um "amém" a "... que sempre se lembrem dele..." A freqüente oração significativa e constante ponderação das escrituras, são os dois auxílios primeiros para que alguém se lembre do Salvador. Não podemos, e realmente não nos "lembramos" de Jesus Cristo em certo nível espiritual, a menos que estejamos continuamente nos esforçando para nos encher com as coisas de Deus.

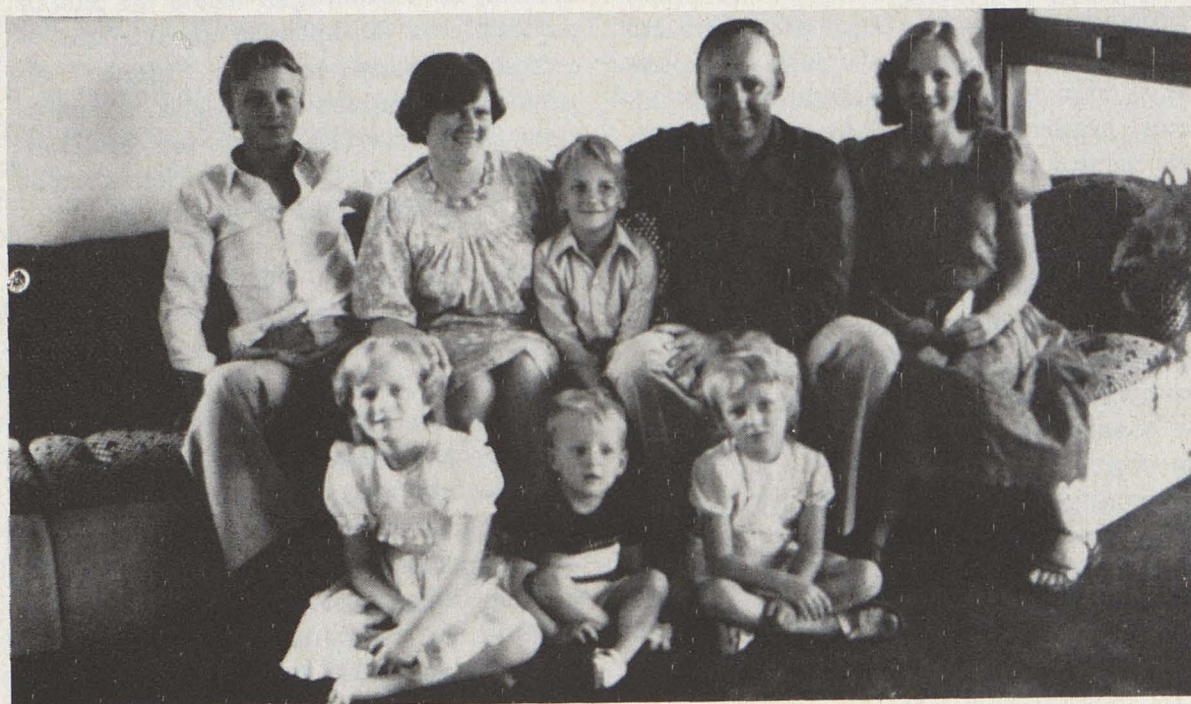
Mais ainda, necessitamos estar prontos para assumir certos compromissos específicos. Um modo eficaz é passar meia hora cada domingo, lendo as escrituras, e então passar mais meia hora em espírito de oração, examinando nossos compromissos de semanas anteriores e perguntando ao Senhor o que ele espera de nós agora — durante os próximos sete dias. O Senhor não espera que façamos tudo

de uma vez, mas se o escutarmos sinceramente, ele abrirá nossas mentes quanto às coisas que espera que façamos agora. Ao recebermos sua orientação — ou quando tivermos tomado nossa própria decisão, se a orientação direta do Senhor parecer lenta em aparecer de imediato — estaremos preparados para "ofertar" alguns compromissos específicos, ao participar do sacramento. Escrever tais compromissos, ajudar-nos-á a nos lembrarmos deles e ressaltará sua importância.

Bem, mas quando entramos seriamente no processo de fazer convênios desta maneira, isso não significa que o caminho rumo à perfeição se tornará repentinamente calmo e fácil. O desencorajamento surgirá, porque, ao nos tornarmos mais definidos quanto aos nossos compromissos para com o Senhor, tornamo-nos mais conscientes de nossas fraquezas, quando falhamos com relação a eles, e o fardo de nossa culpa poderá aumentar. Entretanto, tal desencorajamento não é a reação adequada; em vez disso, deveríamos sentir humildade aumentada e maior apreciação pelo sacrifício expiatório e pela misericórdia do Senhor. Desta forma, o sacramento torna-se um reconforto e certeza. É uma reafirmação semanal do Senhor que, a despeito de nossas constantes falhas, ele está pronto para começar novamente o trabalho conosco. O fato de aplicarmos o sacrifício expiatório a nossas vidas, a nossas fraquezas, relembrando o Salvador torna-se mais que uma mera reflexão mental.

Ao nos achegarmos mais perto de Cristo, o ato de lembrar-se torna-se uma consciência cada vez maior do amor de Cristo, e nós ficamos atados a ele com laços mais fortes que a morte. O que começa como sendo uma ação mental de lembrança, cresce para, finalmente, transformar-se em poder capaz de nos manter completamente receptivos aos influxos do Espírito e em perfeita harmonia com o Salvador.

## Bruno Schmeil, Presidente da Estaca Curitiba Sul



Presidente Schmeil, irmã Erica e filhos

**A**lbino Bruno Schmeil, de 43 anos, é o primeiro presidente da recém-criada Estaca Curitiba Sul, resultante da divisão da Estaca de Curitiba. Desde que foi batizado em 19 de setembro de 1965 com toda sua família, já serviu em vários cargos de responsabilidade. Em Ponta Grossa foi conselheiro do presidente do Ramo, presidente do 2.º Ramo e bispo. Serviu no sumo conselho da estaca e como segundo e primeiro conselheiro do presidente Jason Garcia de Souza. Foi primeiro conselheiro do presidente Nielsen, da Estaca de Curitiba, quando de sua organização em 1971.

Quando residia em Ponta Grossa exerceu o cargo de presidente do Sacerdócio Aarônico, programa que estava em vigor na época, sendo responsável pelos jovens cujas famílias não eram membros da Igreja. A experiência adquirida com esse trabalho foi de inestimável valor no de-

sempenho de novos e maiores encargos.

Presidente Schmeil e sua esposa Erica, têm seis filhos: três meninas, a menor com 6 anos e três meninos, o menor com dois anos de idade.

Irmã Erica fala da responsabilidade que tem agora de apoiar o marido. Fala também do grande entusiasmo do Presidente Schmeil no trabalho do Senhor. Ela conta que o presidente não tem muita preparação acadêmica, não frequentou escolas especializadas, mas tem muita preparação da vida.

A uma pergunta sobre suas relações com seus parentes e os parentes de sua esposa no que diz respeito a mudança de religião, ele esclarece que teve mesmo alguma dificuldade com parentes de sua esposa, porque eles só aceitavam o batismo na igreja luterana. Mas tudo foi superado e hoje eles fazem oração como

nós fazemos, fazem reunião familiar e muito nos admiram.

Sobre seus planos para a nova estaca presidente Schmeil diz que vai seguir as diretrizes da Igreja. Por ocasião da sua posse no cargo a Estaca era formada por sete alas, com 2.594 membros (887 famílias). Há uma boa liderança com muitos portadores do sacerdócio de Melquisedeque e Aarônico.

Perguntando sobre a expectativa dos membros de sua Estaca a respeito do templo, presidente Schmeil informou que espera trazer no mínimo trezentos (até quinhentos) membros para a dedicação do templo e para a Conferência de Área. Ele diz que cerca de cem pessoas no momento já estão prontas. Com uma frequência de pouco mais de 20% na Estaca, avaliamos que, incluindo as crianças, 50% dos membros já estejam preparados na data da Dedicção do Templo de São Paulo. A Dedicção durará três dias, haverá nove sessões e cada sessão comportará 1.870 pessoas.

O presidente Schmeil nos contou de suas experiências espirituais, uma delas a respeito do dízimo. Ele diz que quando bispo, um dos conselheiros, já aposentado, tinha problema com este mandamento. Disse-me ele: Se pagar o dízimo não terei para o aluguel, se pagar o aluguel não terei para a alimentação... etc.

Convidei-o a orar. Logo em seguida eu lhe disse: Você quer pagar o dízimo agora? Dei-lhe o recibo e prometi que se até terça-feira (era domingo) não acontecesse nada, eu lhe daria a quantia necessária. Na terça à tarde chegou à casa dele um genro com uma camioneta carregada de gêneros alimentícios, deu-lhe dinheiro para as despesas de roupa e escola das crianças e outras coisas. Esse conselheiro não sabia como agradecer ao Senhor pela rapidez da resposta.

Um dizimista fiel não tem problemas com a Palavra de Sabedoria, com a mo-

ralidade, com a frequência etc. Tenho prometido aos irmãos que entrevisto que se forem fiéis nesse princípio, vencerão todas as provações.

Em outra ocasião, o presidente Jason me incumbiu de entrevistar um conselheiro numa ala, o qual tomava chimarrão e não cumpria a lei do dízimo. Recebi instrução de fazer o que achasse que devia. Ele me disse:

— Tomo chimarrão porque tenho problemas de saúde. Respon-di-lhe que por determinação da estaca ele ficava proibido de tomar chimarrão. Há mais um assunto que temos de abordar:

— Como está teu dízimo?

— Por enquanto não posso pagar o dízimo, porque um filho casado está morando comigo, ele e a família dele e acrescentou outros motivos e não queria aceitar meus conselhos.

— Você tem que decidir alguma coisa.

— Você está pedindo minha desobrigação? (começou a justificar-se).

— Não. Estou pedindo que pague seu dízimo. Se não fizer isso nem colocar sua vida em ordem, não pode ficar no cargo, porque o Senhor não quer nem você vai se sentir bem no cargo e pedirá desobrigação por si mesmo. Eu lhe prometo, se for fiel na lei do dízimo seus problemas terminarão. Ele se queixou ao secretário da estaca que eu tinha sido muito duro. Hoje porém, ele me agradece pois seus problemas realmente terminaram.”

O lema desse jovem presidente de estaca, é trabalhar com confiança no Senhor e entusiasmo junto aos membros. Esse é o segredo do seu sucesso como servo do Senhor, como patriarca de seu lar e como profissional. O dinamismo, a alegria de viver, a unidade no lar e o sagrado testemunho da veracidade do Evangelho são os traços principais da personalidade do presidente Bruno Schmeil que pretende fazer da nova estaca uma grande potência em espiritualidade e trabalho.

## Seminário e Instituto Fazem Progresso em Belo Horizonte

Cento e doze jovens do Distrito de Belo Horizonte, composto pelos ramos de Floresta, Liberdade, Pampulha, Barroca e Sete Lagoas, receberam seus certificados e diplomas nos cursos de Seminário e Instituto, em conferência realizada no dia 18 de fevereiro. Tendo início às 8 horas da manhã, a programação consistiu de palestras sobre temas de doutrina, jogos recreativos, gincanas, almoço de confraternização e as competições de Copa e Busca. Finalmente, às 19 horas, realizou-se a solenidade da entrega de diplomas e certificados, com a presença de 312 pessoas e o coral daquele distrito.

O diretor de área do programa de Seminário e Instituto, João Wilson Bueno,

lembrou aos jovens formandos, durante sua palestra, da importância do estudo das escrituras e do preparo para assumir futuramente a liderança da Igreja. Também o presidente Lincoln Porto de Queiroz falou aos formandos, exortando-os a valorizarem os altos padrões SUD e o desafio que esses altos padrões representam para eles diante do mundo de hoje e do relacionamento familiar.

A conferência foi encerrada com um animado baile, cujos convidados mais importantes foram os jovens do distrito de Vitória, que vieram prestigiar o grande dia da juventude mórmon de Belo Horizonte

## Entrevista Espiritual

Joseph Smith foi ao bosque para orar,  
Ajoelhou-se, contrito, com muita fé.  
E no silêncio daquela hora, até  
Os pássaros emudeceram. Cantar?  
Para que cantar naquela hora?...  
O silêncio é de ouro e envolvente  
Sobre aquele rapazinho, tão feliz e crente,  
Na esperança de uma solução  
Para problemas sérios, filosóficos,  
Em renovação de sua vida...  
E então orou de alma aberta,  
Sentimento puro, sincero coração.

E o Senhor ouviu sua oração  
Entre nuvens, com maravilhoso brilho,  
Quando lhe aparecem o Pai e o Filho,  
E o Pai lhe diz: — “Este é o meu filho  
amado,  
Ouve-o”. E Joseph, feliz e iluminado,

Exclama: — “Senhor, qual a religião  
Certa, verdadeira? Há em mim confusão,  
Depois de tanta tentação, Senhor.”

“Todas estão fora da verdade.  
Esse povo me honra com os lábios  
Mas distantes estão seus corações.”  
Parece-me que o Senhor queria dizer:  
“Restaura a minha Igreja, com amor e fé;  
Tu foste escolhido, meu filho José,  
Tu saberás o que hás de fazer,  
E teu nome será conhecido  
Por bem ou por mal, aqui na terra.”  
E a entrevista, afinal, se encerra.

Colaboração do irmão  
Martins da Rocha, de Belo Horizonte  
Rua Ibiraci, 235 — Bairro Salgado Filho.



O

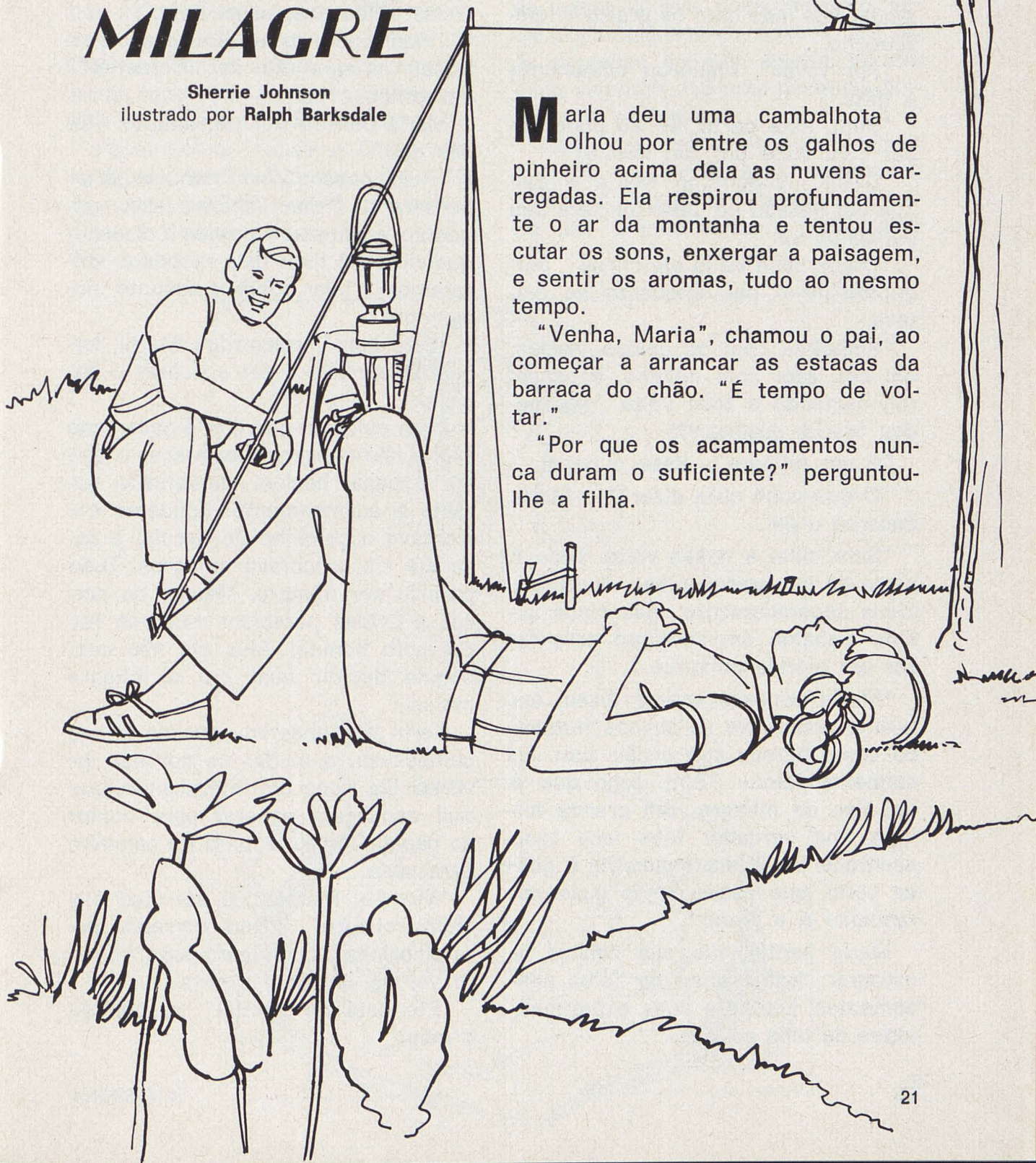
# MILAGRE

Sherrie Johnson  
ilustrado por Ralph Barksdale

**M**arla deu uma cambalhota e olhou por entre os galhos de pinheiro acima dela as nuvens carregadas. Ela respirou profundamente o ar da montanha e tentou escutar os sons, enxergar a paisagem, e sentir os aromas, tudo ao mesmo tempo.

"Venha, Maria", chamou o pai, ao começar a arrancar as estacas da barraca do chão. "É tempo de voltar."

"Por que os acampamentos nunca duram o suficiente?" perguntou-lhe a filha.



"Sempre penso nisso", respondeu o pai, "mas eles terminam, e eu preciso de sua ajuda."

"Só mais cinco minutinhos?" implorou Marla. "Quero poder lembrar-me disso durante todo o inverno."

Papai parou de dobrar a barraca e olhou para o lugar onde Marla estava, atenta. "Você logo precisará ajudar sua mãe com os pratos", lembrou-lhe.

"Por favor", implorou novamente a filha.

"Bem, está certo, se eu puder ficar com você por um minuto."

"Claro", concordou Marla e deixou um espaço no cobertor para seu pai deitar-se.

"O que você vê lá em cima?", perguntou-lhe o pai, enquanto se deitava.

"Pinheiros com os galhos verdes, um céu azul com nuvens, e pássaros cantando a toda volta", respondeu Marla, suspirando.

"É um milagre", disse o papai.

"O que você quer dizer?" e Marla encarou o pai.

"Bem, olhe à nossa volta. Tudo é parte de um grande plano. Tudo funciona separadamente, mas ainda assim, trabalha em conjunto para fazer um grande universo."

"Marla pensava acerca disso, enquanto observava as nuvens flutuando como barcos sob o céu azul. Finalmente falou: "Sim, acho que é um tipo de milagre. Um grande milagre, na verdade. Mas isso tudo acontece tão silenciosamente à nossa volta, que esquecemos quão miraculoso é o plano."

Marla sentiu que sua cabeça ia estourar, tantos eram os belos pensamentos, visões e sons experimentados de uma só vez.

"Qual você considera o maior milagre do mundo?" perguntou-lhe o pai.

"É fácil", respondeu-lhe Marla. "O céu. Veja como ele não termina, ele prossegue para sempre, sempre mudando. Hoje é azul, mas em alguns dias é branco ou cinza. A neve e a chuva caem do céu, e à noite as estrelas estão suspensas nele."

"Mas você acha que esse é o maior milagre do Pai Celestial?" perguntou o pai.

Marla pensou por um minuto. "Eu não sei."

"Bem, nossos cinco minutos já se passaram. Pense sobre isso, enquanto arrumamos nossas coisas, e quando você tiver uma resposta, voltaremos a falar sobre o assunto, novamente."

"Está bem", concordou Marla, enquanto ajudava o pai a dobrar o cobertor.

Logo estavam de volta à casa, mas Marla não conseguia esquecer o que ela e papai haviam conversado durante o acampamento. Enquanto enfrentava o caminho da escola, a cada dia ela procurava milagres. Tudo parecia ser milagre. Mesmo os carros e aviões pareciam milagres feitos pelo homem. Mas ela não conseguia decidir qual era o milagre maior.

Certo dia, observou que as folhas começavam a mudar de cor nas árvores. Ela ficou tão interessada, que mal conseguia esperar para contar ao papai. Correu o resto do caminho para casa.

"Mamãe! Mamãe! já sei qual é o maior milagre", gritou, correndo para a cozinha. "Onde está papai? Quero ver se imaginei direito."

"Ele está no quintal", respondeu a mãe.

Marla largou os livros sobre a mesa. "Procurei durante três semanas, mas agora descobri, e vou contar ao papai."

"Fale devagar", advertiu a mãe, "ou ele não entenderá uma só palavra do que disser."

"Já sei qual é o maior milagre", declarou Marla, mesmo sem esperar que papai dissesse alô. "Não são as estações, o jeito como as folhas mudam de cor, e então cai a neve, e então tudo começa a viver outra vez, não é? Este é o maior milagre."

Papai sorriu. "Esse é um grande milagre, provavelmente um dos maiores, mas não creio que seja o maior", disse.

"Mas há tantos milagres!" protestou Marla.

Papai abraçou Marla. "Estou orgulhoso de você por estar ainda pensando em milagres. Continue observando, e encontrará a resposta correta", ele lhe assegurou.

Marla estava agora mais determinada que nunca. Ela estava curiosa de saber o que possivelmente seria um milagre maior que o céu ou as estações do ano. Assim, no sábado seguinte, fez uma pesquisa ainda mais profunda.

"Não me amole, Felpuda", disse à gata, enquanto esta ronronava, chamando atenção. "Estou procurando um grande milagre." Enquanto



falava, notou que Felpuda não estava querendo brincar ou chamar a atenção. A gata corria pelo pátio e na direção da janela, para que Marla a seguisse. “Minha nossa, Felpuda!” exclamou, ajoelhando-se para olhar mais de perto. “Você tem uns filhotinhos novinhos! Devem ter nascido ontem à noite.”

Marla olhou com muito interesse, enquanto Felpuda, cuidava dos filhotes e os alimentava.

“Cinco filhotinhos, todos parecidos com você”, sussurrou Marla, enquanto um dos felpudinhos tentava abrir os olhos.

Papai saiu lá fora naquele instante. “Olhe!” sussurrou Marla. “Sei que deve ser isso.”

Papai olhou da janela e curvou-se, sorrindo.

“O nascimento”, disse ele, “é parte do milagre. Mas há outra parte muito importante.”

“Mas o que pode ser mais milagroso que uma nova vida? Lembrome de quando o pequeno Jason nasceu. Num dia, não tínhamos o Jason, e no outro já o tínhamos. Tem que ser esse o milagre.”

“É, realmente é”, disse o papai. “Mas a outra parte do milagre é ainda maior. E você está chegando perto, muito perto da conclusão.”

“Perto o suficiente para estar morno?” perguntou Marla.

“Não, já está quente” disse o papai, sorrindo.

A face de Marla apresentava ainda um ponto de interrogação, e repentinamente, apresentou um largo sorriso. “Eu Sei!” exclamou. “Não apenas nascer, mas todos viveremos para sempre — todos nós.”

“Sim”, concordou papai, “mas você é capaz de imaginar qual é o resto do milagre?”

“Acho que sei”, disse Marla, e seus olhos brilhavam com admiração, ao descobrir o restante do maior de todos os milagres. “Nós somos filhos espirituais de nosso Pai Celeste. Não é isso?”

“Isso mesmo!” disse o papai, enquanto abraçava Marla. “E assim como você e Jason são nossos filhos terrenos, nós somos seus filhos celestiais. Você já viveu com ele, assim como vive com a mamãe e comigo, agora, e juntos poderemos todos viver com ele novamente. Esse é o maior de todos os milagres.”

Marla sentiu-se muito contente e satisfeita. Tinha sido emocionante descobrir qual era o maior dos milagres, mas ao mesmo tempo, tinha consigo um sentimento estranho de que já sabia daquilo durante o tempo todo.

# Testemunhos de Crianças de Todos os Países



---

Meu nome é Jemma Ysanne Davison. Moro em Mitcham, Surrey, Inglaterra. Minha mãe batizou-se na Igreja quando eu tinha apenas quatro anos de idade, de modo que fui batizada quando completei oito anos. Reunimo-nos num velho edifício para as reuniões da Igreja. Gosto de escrever histórias e de tocar piano. Levei minha amiga Gaynor à Primária, e seus pais vão deixar que ela logo se batize. Estou levando outra amiga à Primária e espero que ela também se batize!

Sou muito grato por prestar testemunho. Sinto que a Igreja é a Igreja verdadeira de Jesus Cristo. Estou tão orgulhoso de ser um membro dela.”  
— Lee Kyung Eun, Seul, Coréia do Sul.

Fui à conferência de área com minha família. Vimos o Profeta em Hamilton, e conversamos com o Élder David B. Haight e sua esposa. Antes de a conferência iniciar-se, o tempo estava muito ruim. Mas eu sabia que melhoraria para a conferência, porque o Pai Celestial assim o desejava. — Juanita Scirkovich, Porirua, Nova Zelândia.

Agradeço aos meus pais por me ensinarem a orar, pois sei que, orando, podemos falar com nosso Pai Celestial. — Amy Alofipo, Apia, Samoa Ocidental.

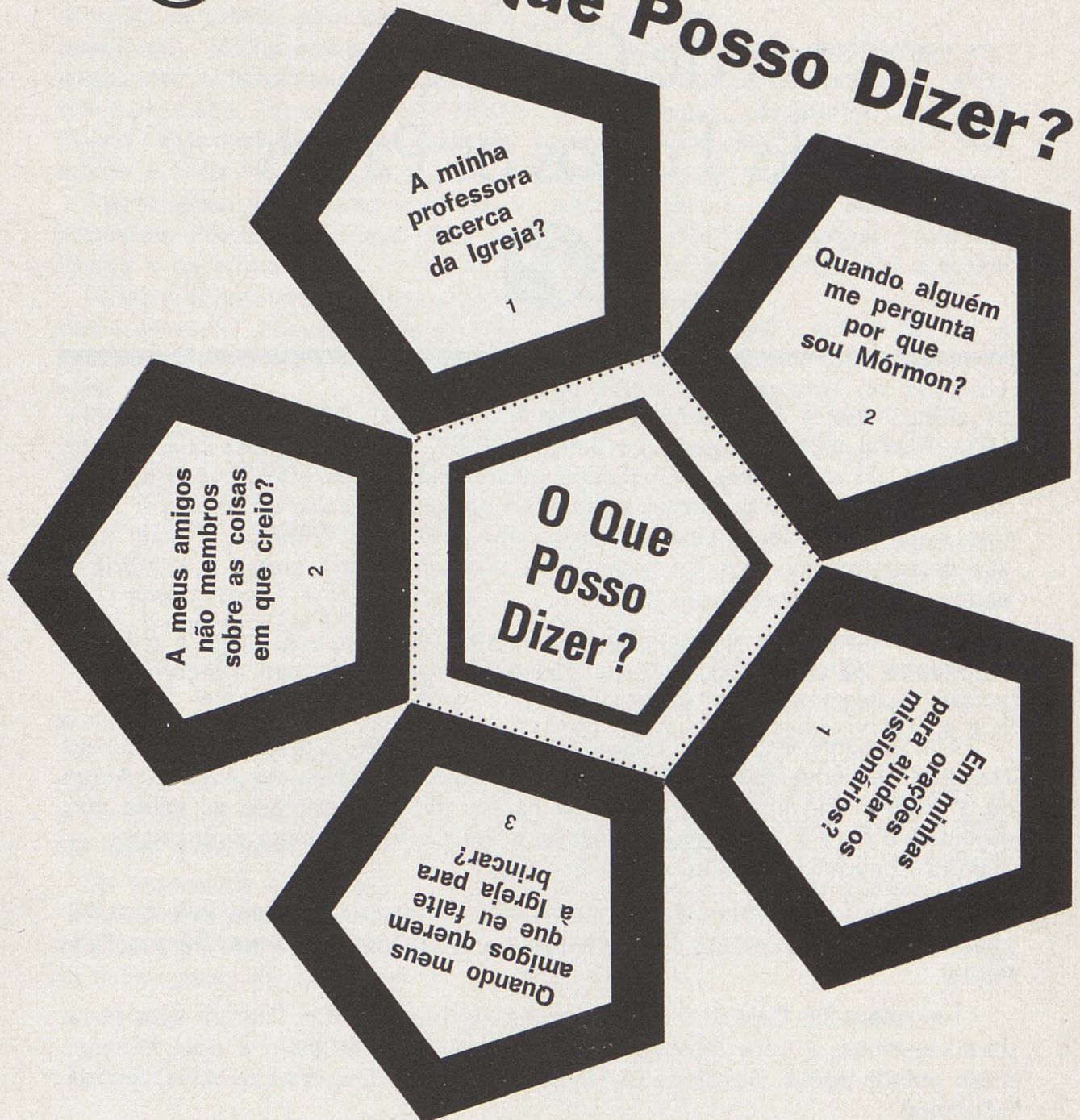
Sei que o Pai Celestial e Jesus vivem hoje e que eles fizeram esta terra para vivermos, e para nela sermos provados. O sacerdócio é uma bênção, e um grande poder. Devemos usá-lo sabiamente — Eric Stokes, Apia, Samoa Ocidental.

Subi uma colina e fui visitar meu avô durante as férias de verão. Perdi-me no caminho. Fiquei com medo, mas lembrei-me de algo que aprendi na Primária — oração. Quando abri meus olhos após orar, achei o caminho certo. — Noriyuki Fujiwara, Ramo de Tokama, Japão.

Ela desceu até a água morna, e as pessoas estavam observando, mas, por um momento, ela não ligou. Apenas sabia que algo maravilhoso aconteceria. Agarrando-se ao braço do élder, foi mergulhada na água, com o cami-



# O Que Posso Dizer?



**INSTRUÇÕES:** Retire cuidadosamente as páginas da revista e cole-as em papel cartão ou cartolina. Corte pelo contorno, dobre nas linhas pontilhadas, e junte as partes abertas, umas às outras. Junte agora as duas metades, a fim de formar um dodecaedro (poliedro sólido de doze faces).

Para jogar, é só sentar-se em círculo com a família ou amigos, e atirar a bola para alguém. O lado que ficar para cima quando for apanhada, tem uma pergunta, a que a pessoa precisa responder. Também contém o número de pon-

?

# O Que Posso Fazer?

Para ajudar os missionários onde moro?

1

Quando minha professora na Escola Dominical pede-me que leve um amigo não membro à Igreja?

1

## O Que Posso Fazer?

Para estar pronto para uma missão?

3

Quando o bispo pede à minha família que faça a obra missionária junto a determinado vizinho?

3

Por um amigo que não é membro?

2

tos para cada resposta correta. Se a pergunta for respondida corretamente, some aqueles pontos ao total daquela pessoa. Agora a "bola" será jogada para outro jogador responder à pergunta. A mesma pergunta deverá ter respostas diferentes. Quando aparecer "O que posso fazer?" ou "O que posso dizer" no topo, o jogador poderá escolher qualquer pergunta da bola. O jogo dura quanto tempo você quiser. O vencedor será a pessoa que tiver maior número de pontos ao final de um determinado tempo.

# Testemunhos de Crianças

solão branco flutuando à sua volta. Sentiu-se como que dentro de uma bolha, e erguendo-se rapidamente até a superfície, ela estourou, e a garota estava livre. Vestiu-se, penteou o cabelo, e olhou-se no espelho antes que se lembrasse que acabara de ser batizada! E a garota era eu. — Gigi Meade, Calgary, Alberta, Canadá.

Na minha classe de CTR, a professora pediu-nos que levássemos um amigo à Primária. Falei com mamãe e decidi convidar a vizinhança. Marc ficou tão contente após ter ido à Primária, que sua mãe disse que ele poderia ir sempre que quisesse. Como família, estamos felizes porque nosso Pai Celestial nos ajudou a encontrar amigos que podem ir à Primária comigo. — Jeorg von Allmen, Basiléia, Suíça.

Fui capaz de falar à minha professora e amigos da escola acerca dos ensinamentos da Igreja. Fui capaz de fazer isso desde que aprendi acerca da Igreja na Primária e na Escola Dominical. — Lukas Mettler, Suíça.

Certo dia, dois élderes bateram em nossa porta e perguntaram se poderiam pregar o evangelho a nossa família. Fomos tocados pela sua mensagem. Logo depois nossa família foi batizada. Quando entrei nas águas do batismo, senti que a Igreja era maior e mais sagrada do que havia até então imaginado. Sempre que entro na capela e escuto os suaves hinos e a música ao piano, sinto-me feliz, especialmente quando o coro canta. O tempo passa muito rapidamente. Já se passaram três anos desde que estou na Igreja. Devo continuar a estudar e a ser capaz de compreender mais a respeito do evangelho. Sei que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é verdadeira. Devemos guardar os mandamentos de Deus e viver uma vida limpa, a fim de honrar a Igreja — Lin Wei Wei.

Certo dia, minha professora de piano viu-me conversando com os missionários santos dos últimos dias. Após terminada a aula, ela ofereceu-me uma limonada, e perguntou-me como conhecera os élderes. Disse-lhe que era Mórmon. Ela disse que os élderes haviam já batido em sua porta havia algum tempo, mas que ela não os deixara entrar. Perguntou-me se críamos em Jesus. Disse-lhe que sim, e citei-lhe a primeira regra de fé. Contei-lhe também a respeito da Primeira Visão de Joseph Smith no bosque sagrado, e de como ele se tornou o primeiro profeta da Igreja. Ela ficou muito interessada e perguntou-me muitas coisas. Desde aquele dia, temos conversado a respeito da igreja em quase todas as aulas de piano. Quando lhe falei acerca da palavra de Sabedoria, ela disse achar uma excelente regra e que iria conservar nossos corpos saudáveis. Faz-me sentir bem falar a minha professora de piano a respeito do evangelho. Ela é muito amável, e espero que algum dia se torne membro da Igreja. — Billk Brim, Bélgica.

## Esta é a Sua Recomendação Para o Templo

# Tem Estudado Regularmente as Escrituras?

É através do estudo das escrituras que podemos converter-nos realmente, conhecer a vontade do Senhor, e fazer as modificações em nossa vida que forem necessárias. Ao entrarmos para a Igreja, logo descobrimos ser o evangelho um programa individual. O testemunho do Espírito Santo é dado ao indivíduo; o batismo na água, por imersão, a confirmação e o dom do Espírito Santo são para o indivíduo.

Os graus do Sacerdócio são dados, um de cada vez, ao indivíduo. Este pode, depois de estar preparado, depois de estudar, ser convertido e receber as ordenanças.

Depois desta série de experiências, uma pessoa pode receber outra ordenança, agora partilhada com alguém, que é o matrimônio. Neste, duas pessoas concordam em unir-se eternamente, preparando-se para serem dignas de habitar na presença de Deus. Seus filhos, por causa desse acordo, partilham com os pais das bênçãos da união. Nasceram "sob o convênio."

Todos os homens, todas as mulheres, mais cedo ou mais tarde terão a oportunidade de aprender os passos para a vida eterna e de tomá-los, um por um. Mas é fundamental que se estude regularmente as escrituras, de onde emanam

esses ensinamentos. Muitos deles estarão na terra, mas talvez um grande número já tenha experimentado a morte, sem ter tido conhecimento dessa oportunidade de ser exaltado. O Senhor em sua sabedoria, previu essa situação. Os princípios de salvação e exaltação serão ensinados a cada pessoa e depois de cumpri-los, ou seja depois que for batizada, receberá o dom do Espírito Santo, o Sacerdócio, se for homem, e o selamento do marido à esposa e filhos; somente assim poderá participar do reino do Pai Celestial.

O Senhor declarou que essas ordenanças são terrenas. Precisam ser realizadas na terra, de preferência pelos descendentes daqueles que aceitaram estes princípios no mundo espiritual. Isto também é para o indivíduo. O descendente não sabe se seus antepassados aceitaram ou não. Mas pela fé e amor por eles, torna possível que recebam estas ordenanças, se as aceitarem. Cumpre, assim, a predição de Malaquias, de que "o coração dos filhos será convertido a seus pais." Faz isso com a certeza de que os corações dos pais já foram convertidos a seus filhos. Para esse importante trabalho de genealogia, de pesquisas, é necessário mais uma vez, estudar apropriadamente as escrituras, que nos mostram o quanto isso é importante. O espírito de Elias tocará o coração de cada um que esteja comprometido com essa obra, com o sentimento de convicção e satisfação.

Mas serão infrutíferas as tentativas a menos que cada indivíduo se preocupe realmente com o batismo de seus antepassados, como se fosse o seu próprio.

O trabalho genealógico, em última análise, significa que cada homem, com sua família, procurará os registros de seus mortos e depois que os tiver encontrado, realizará as ordenanças a seu fa-

vor, no templo do Senhor. Assim, tornam-se salvadores do Monte Sião e recebem a recompensa de acordo com seu trabalho.

O evangelho é para o indivíduo, vivo ou morto. Os vivos são responsáveis por si mesmos, — e pelos seus familiares já mortos.

Medite pois, querido irmão, ou irmã, na necessidade de estudar as escrituras, com regularidade. Hoje temos diversos cursos organizados para proporcionar-nos todos os conhecimentos necessários, te-

mos os Seminários e Instituto de Religião, além dos cursos das Escolas Dominicais nas Alas e Ramos.

Para encerrar sugerimos algo básico, mas que infelizmente não vemos com frequência: termos conosco em qualquer aula ou reunião de treinamento os manuais além dos livros-padrão da Igreja, e naturalmente habituarmos-nos ao seu manuseio e utilização.

A obediência a estes princípios nos ajudará a crescer em espírito perante o Senhor.

## O Templo: Como e Quando?

Pergunta:

*Moramos a cerca de 550 km do Templo, e estamos ansiosos de conhecê-lo. A dúvida que temos é se nos deslocaremos para lá, durante a visita pública, ou se deixaremos para ir quando da dedicação? (irmã Carinati — Araçatuba - SP).*

Resposta:

Sugerimos sua viagem com seus familiares na ocasião da Dedicção. Por que? Além da Sessão Dedicatória, a irmã verá e ouvirá nosso amado Profeta Spencer W. Kimball, além das autoridades gerais que o acompanharão. Teremos naqueles dias uma conferência geral de Área nos salões do Clube Palmeiras. Outro motivo importante é que logo após o Templo será aberto para que os irmãos que tiverem suas recomendações possam fazer suas ordenanças sagradas. Nessa ocasião os irmãos que moram longe de São Paulo

terão alojamento em casa dos irmãos de São Paulo. Isto está sendo organizado por uma comissão especial, através de inscrições que deverão chegar aqui com a antecedência necessária para que todos possam ser atendidos.

Pergunta:

*Além do Templo de São Paulo, quais outros serão construídos e dedicados? (Marivalda — São Paulo).*

Resposta:

Em fase de projeto ou em construção, além do de São Paulo, a Igreja está construindo ou vai iniciar a construção de: Tóquio no Japão; Seattle, USA; Cidade do México, México; na Samoa Americana; e o último anunciado do Rio Jordão, ao sul de Salt Lake. E serão rededicados, após o término das obras de reforma os de Laie no Havai e o de Logan em Utah.

## Sistema Educacional da Igreja Divulga Seu Staff



Funcionários do SEI no Brasil por ocasião da visita do Elder Bruce, supervisor da América do Sul e Dr. Eyring, supervisor mundial

Administrador SEI para o Mundo:

Henry B. Eyring

Administrador SEI para a América do Sul:

Bruce M. Lake

Administrador SEI para o Brasil:

Harry Eduardo Klein

ESTACAS: São Paulo, São Paulo Norte, São Paulo Leste, São Paulo Oeste:

Diretor SEI: João Roberto C. M. Silva — Rua Vergueiro, 1883 — 6.º andar — Telefone 544-3417.

Diretor Instituto: Paulo R. Puerta — Rua Vergueiro, 1183 — 6.º andar — Telefone 544-3417.

ESTACAS: Rio de Janeiro, Niterói e Missão Rio de Janeiro.

Diretor Instituto: Antonio J. Mendonça: Rua Silva Teles, 99 — Rio de Janeiro.

Supervisor Seminário e Instituto: Abel L. Rocha — Rua das Ninfas, 30 Recife, PE.

Supervisor Seminário e Instituto: João W. Bueno — Rua Rio Pardo, 161 — Be-

lo Horizonte, MG.

ESTACAS: Curitiba Norte e Sul, e Londrina:

Diretor SEI: Casemiro Gomes — Caixa Postal 778 — Curitiba — Paraná.

Supervisor Instituto: Nobuo Suzuki: Caixa Postal 778 — Curitiba — Paraná.

ESTACAS: São Paulo Sul e Santos:

Diretor SEI: João Roberto Grahl — Rua Martini, 34 — Rudge Ramos.

ESTACAS: Porto Alegre e Missão Porto Alegre:

Diretor SEI: Paulo Renato Grahl — Caixa Postal 4089 — Porto Alegre — RGS.

Supervisor Seminário e Instituto — Caixa Postal 4089 — Porto Alegre — RGS.

ESTACAS: de Campinas e Missão São Paulo Norte:

Diretor SEI — Sebastião Lourenço de Oliveira — Rua Antonio Bento, 356/24 — Campinas — Estado de São Paulo.

Não vimos nesta dispensação nenhuma divisão do Mar Vermelho. Nem vimos cinco mil serem alimentados de uns poucos pães e uns poucos peixes. Mas vimos nossos milhares na Inglaterra filiarem-se à Igreja, em resposta à pregação de Wilford Woodruff. Tivemos uma visita do Pai e do Filho num bosque em Nova York.

Deus abençoa com os maiores milagres apenas quando há necessidade, e então segundo as circunstâncias.

Porém as mais calmas e sutis ações do Espírito Santo, que afetam apenas uma pessoa, ou umas poucas, são comuns em qualquer das dispensações. Santos de todas as eras têm sido abençoados com experiências especiais pelo Espírito — e tais são, na verdade, milagres — como curas, profecias, orações respondidas, visão espiritual profunda, mudanças nas vidas, sonhos. Como disse Morôni, há cerca de mil e quinhentos anos atrás: “Mas eis que eu vos mostrarei um Deus de milagres...”

E quem dirá que Jesus Cristo não fez muitos e extraordinários milagres? E muitos e grandes milagres foram praticados pela mão dos apóstolos.

Se houve milagres, por que deixou Deus de ser um Deus de milagres, sendo contudo um ser imutável? E eis que vos digo que ele não muda; e, se mudasse, deixaria de ser Deus; mas não deixa de ser Deus, e é um Deus de milagres.” (Mórmon 9:11, 18-19.)

Muitos dos milagres de hoje acontecem em segredo, e são desta maneira guardados dentro dos corações, ou no seio da família, ou revelados apenas a uns poucos amigos muito chegados que têm capacidade para compreendê-los. Mas, por vezes, quando adequado, são também expressados abertamente e compartilhados como expressões de gratidão e fé na reunião de jejum e testemunhos.

# Milagres, Hoje?

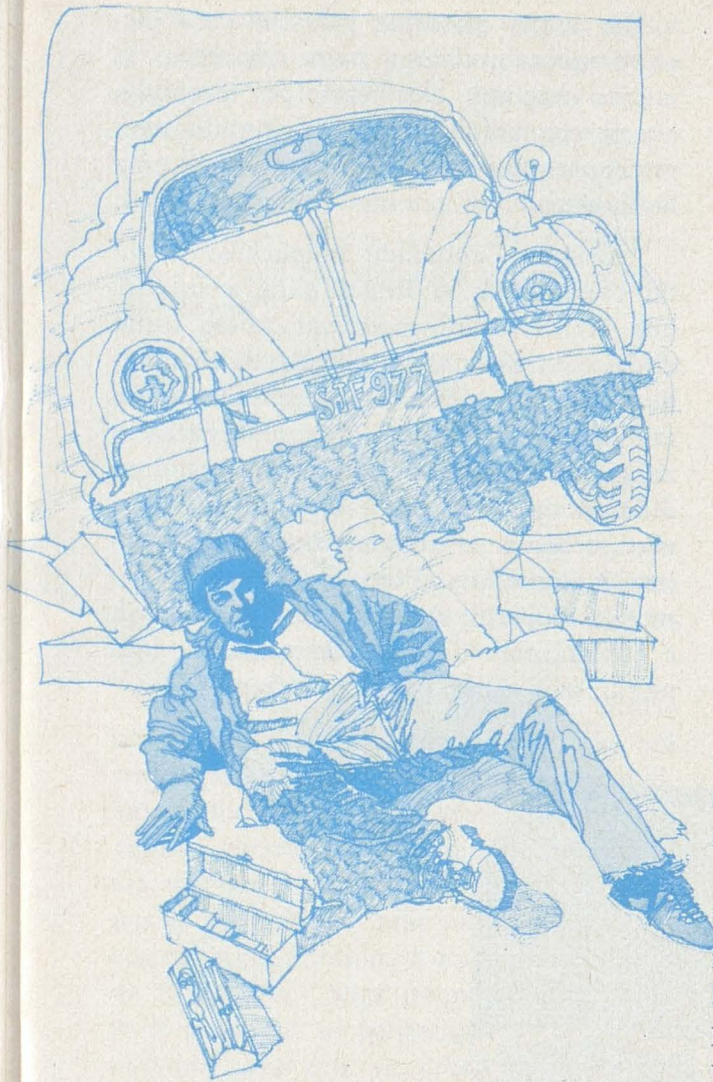
(Os Santos  
os relatam todos os meses  
nas reuniões  
de testemunho)

Jay A. Parry

Quase todas as reuniões de testemunhos têm várias dessas expressões. E quando muitas dessas histórias são reunidas, retratam, de modo impressionante, os milagres na Igreja hoje. De fato, experiências com o Espírito não são incomuns entre os Santos na terra hoje; apenas aqueles “... que degeneram em descrença, abandonam o bom caminho reto e desconhecem o Deus em quem deveriam confiar”, não recebem tais bênçãos. (V. Mórmon 9:20.)

Os milagres de que ouvimos fortalecem nossa fé; prestam testemunho renovado de que Deus nos ama, de que ele se preocupa, e de que ele, quando necessário, influenciará *diretamente* nossas vidas.

Possivelmente o milagre mais comum seja o da inspiração. Um jovem irmão recentemente prestou testemunho de como a oração abençoou sua família: “Eu voltava de uma viagem ao Parque Nacional de Yellowstone, juntamente com meu pai e meu avô, e paramos em um posto de gasolina para reabastecimento e para esticarmos as pernas. Vovô já é bem idoso, e não enxerga bem. Entrou no posto, e ao sair foi direto para uma porta de vidro. Julgou que estivesse aberta, e fez um profundo corte no braço. Eu tentava



estancar o sangue, enquanto corríamos com ele para o hospital.

Após ali chegarmos, Papai sugeriu que eu perguntasse à enfermeira se havia algum dos élderes Mórmons por ali; ele queria ajuda para dar uma bênção de saúde em vovô. A enfermeira estava informando que não conhecia nenhum Mórmon, quando um homem se adiantou e disse: 'Sou um sumo sacerdote. Posso ajudar.'

Após ele e papai haverem dado a bênção, ele tratou de sair do hospital, mas eu o interrompi: 'espero que não tenhamos feito o senhor se atrasar para alguma visita aqui', eu lhe disse.

'Não', respondeu-me, 'não conheço ninguém aqui.'

'Então como foi que surgiu para nos auxiliar?'

'Estava em meu automóvel no outro quarteirão, e simplesmente senti que era necessária minha presença aqui.'

Esta outra experiência é de um sacerdote: "Estava trabalhando em meu carro ontem. De repente, algo parecia me dizer: 'saia de baixo desse carro!' Eu saí, e instantaneamente, ele desabou dos suportes onde estava colocado. Sei que seria esmagado e morreria. Sou grato a meu Pai Celestial por cuidar de mim."

E finalmente: "Eu sei que esta Igreja é verdadeira. Sei que Jesus Cristo vive, que Deus vive e nos ama, que Joseph Smith foi um profeta. Mas não sei simplesmente porque quero saber. Sei porque Deus mas revelou que são verdades."

Do mesmo modo como se opera o milagre da inspiração, existe a ocorrência freqüente em que, através da obra do Espírito, alguém recebe uma nova compreensão de um princípio do evangelho, uma nova visão espiritual. Uma irmã de Utah, cujo filho sofre de câncer, prestou este testemunho: "Nossos esforços em favor do pequeno Thomas ajudaram-me a compreender o que é a fé. Aprendi que a fé não é simplesmente algo que você sente, é algo que você vive. Sou grata a meu Pai Celestial por ajudar-me a ganhar essa compreensão."

Assim como essa irmã sentiu a influência do Espírito durante um momento difícil em sua vida, assim também muitos outros Santos recebem o auxílio do Senhor, através de orações que são respondidas.

Certa mãe contou acerca de um pavoroso acidente com seu filhinho de deztoito meses que tiveram no mês anterior. Ele estava vasculhando o banheiro, quan-

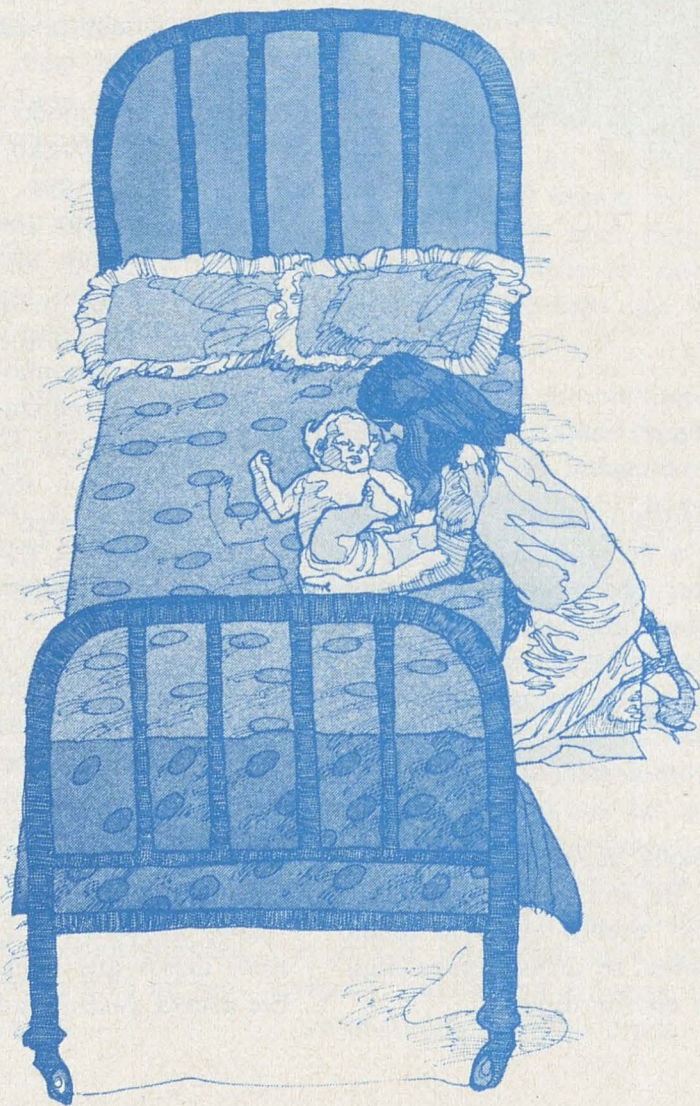
do "... começou a gritar e a gritar. Corri até o banheiro e fiquei horrorizada com o que vi. Ele havia escorregado e batera a cabeça na banheira. Estava ficando preto e azul, e começava realmente a inchar muito.

Acho que fiquei quase histérica. Peguei o Ronnie, levei-o para o quarto e deitei-o na cama. Tudo o que fui capaz de pensar foi orar. Ajoelhei-me, então, ao lado da cama e mal havia pronunciado, com dificuldade, as primeiras palavras da oração, tive um sentimento de paz e calma quase que tangíveis.

Quando terminei a oração, a cabeça de Ronnie estava novamente com seu tamanho normal, e a coloração havia quase que completamente desaparecido."

Há outras maneiras pelas quais o Senhor utiliza milagres para responder às nossas orações. Às vezes, por exemplo, ele parece manipular nosso mundo temporal para nosso benefício, conforme uma irmã relatou na reunião de testemunhos:

"Sabíamos, enquanto preparávamos tudo para enviar o Roger para a missão, que precisávamos modificar nosso estilo de vida, a fim de reunirmos os recursos necessários. Assim sendo, sentamo-nos e estabelecemos exatamente qual seria o nosso orçamento — considerando até os últimos centavos — e descobrimos que não teríamos o suficiente nem para os itens *necessários*. Preocupamo-nos e oramos a respeito; confiaríamos no Senhor e enviaríamos o Roger de qualquer maneira, sem saber como o faríamos.



Então, um dia antes de Roger partir, o chefe de meu marido chamou-o no escritório e informou-o de que ele receberia de imediato um aumento. Escreveu então o valor do aumento num pedaço de papel e entregou-o a meu marido. Era o valor exato — inclusive os centavos — que custaria para pagar a missão do Roger.”

Nosso Pai Celestial também nos ajuda de outras maneiras. Disse Jesus: “E estes sinais seguirão aos que crerem: Em meu nome... ..porão as mãos sobre os enfermos, e os curarão.” (Marcos 16: 17-18.) As curas são uma parte real da igreja restaurada, e testemunhos acerca disso são prestados nas reuniões de jejum e testemunho.

Um homem já idoso afirmou: “Sofria de um enfisema tão grave, que não era capaz de andar meia quadra, sem que ficasse totalmente sem respiração. Há uns poucos meses atrás, chamaram-me para ser um oficial selador no templo. Fiquei muito preocupado, pois sabia que ali precisaria subir escadas, e eu não era capaz de fazer isso. Mas quando me designaram para tal responsabilidade, abençoaram-me para que eu tivesse a saúde necessária a fim de realizar essa tarefa. Irmãos e, irmãs, tal bênção se cumpriu. E não sou abençoado apenas no templo; ontem joguei quatro partidas de tênis e não me senti sequer ofegante ao final. E venci as quatro!”

O Senhor também dá aos Santos informação e conforto através de meios milagrosos. Por exemplo, uma irmã, que tinha problemas conjugais por causa do gênio autoritário do marido, contou a respeito de um sonho que teve e que a ajudou a resolver seus problemas e maus sentimentos. “Essa senhora, doce e gentil, chegou-se a mim e disse-me que fosse paciente e amorosa, que Arnold era um bom homem, e emendaria seus modos. O sonho ficou em minha cabeça durante dias; não conseguia esquecê-lo. Fiquei

pensando quem seria aquela senhora, e como poderia dizer aquilo. Então, certo dia, não muito tempo depois, recebemos algumas fotos dos ancestrais de Arnold, as quais aguardávamos havia já longo tempo, para que pudéssemos completar dados de nossa genealogia. Entre as fotografias, estava a da mãe de Arnold. Ele jamais a conheceu realmente, já que ela faleceu quando ele tinha apenas sete anos. Mas, aparentemente, ela o conhecia muito bem. A mulher que veio até mim no sonho era sua mãe.”

Assim como naquele sonho, o véu é às vezes levantado, e os membros da Igreja são abençoados com a comunhão com aqueles que estão do outro lado: “Meu avô morreu após ter sido casado com vovó durante cinqüenta e sete anos. Logo após sua morte, fui visitá-la e disse-lhe: ‘Vovô tem visitado você freqüentemente, vovó?’

Ela me olhou de um jeito engraçado e disse: ‘como você soube?’ Ela nos contou que ele a visitava sempre, e relatou-nos a experiência que tivera dois dias antes. Ela havia terminado suas orações e estava deitada, pensando, quando vovô apareceu ao pé de sua cama. ‘Leve-me com você’, ela pediu-lhe.

‘Ele sacudiu a cabeça e sorriu tristemente: Não é hora ainda, Ruby, respondeu. Disse mais algumas coisas e partiu.’

Não demorou muito, contudo, até que chegou o dia em que levamos vovó ao hospital pela última vez. Podemos ter ficado entristecidos com sua partida, mas como poderíamos tentar nos apegar a ela, quando ela desejava tanto reunir-se ao seu bem amado?”

O arrependimento é um milagre, possível pelo sacrifício expiatório do Salvador. Um jovem prestou seu testemunho: “Penso na dor que causei a meus pais e a mim mesmo — por não compreender que o pecado não traz felicidade. Quando

terminei o segundo grau, saí de casa e comecei a beber, fumar e usar algumas drogas. Pensei que estivesse me divertindo, mas agora sei que minha vida se tornara miserável.

Um dia, parei e pensei: 'E se meus pais me vissem agora? O que pensariam?'

Comecei então a dar uma guinada em minha vida. Descobri que a felicidade não estava onde estava eu. E eu nunca seria capaz de mudar minha vida, não fora por alguns bons novos amigos e um bispo compreensivo — e ainda com a ajuda do Espírito Santo. E com toda essa ajuda, tive capacidade para me arrepender. Agora sei quão infeliz eu era. E testifico que o arrependimento e a vida reta trazem a felicidade. E sei pela experiência que o Senhor está sempre lá, para nos ajudar a modificar nossas vidas, se lho permitirmos."

Nossa Igreja é, na verdade, uma igreja de milagres. Podemos testemunhar essa evidência a cada domingo de jejum e testemunho, quando nossa fé é fortalecida pelas experiências espirituais de nossos irmãos, os Santos. E além disso, existem as incontáveis experiências que são guardadas e ponderadas dentro do coração. ( V. Lucas 2:19.)

"Por conseguinte, meus amados irmãos, terão cessado os milagres, porque Cristo subiu aos céus...?" é a pergunta feita por Mórmon, e por ele mesmo respondida: "Eis que vos digo que não, pois é pela fé que os milagres são realizados... portanto, se estas coisas tiverem cessado, então a fé cessou também; e terrível é o estado do homem, pois é como se não houvesse redenção realizada. Mas eis que, meus amados irmãos, espero melhores coisas de vós, pois julgo que tendes fé em Cristo, em virtude da vossa humildade..." (Morôni 7:27, 37-39.)

"Pelos seus frutos os conhecereis", disse o Salvador, e os Santos dos Últimos Dias — década de 1970 — e de todas

as décadas — possuem os frutos da fé: os milagres, as experiências espirituais, que são relatadas cada mês nas reuniões de testemunho em toda a Igreja. Na verdade, acontece como afirmou o Senhor na revelação nestes últimos dias:

"... bem-aventurados aqueles cujos pés estão sobre a terra de Sião, e que obedeceram ao Meu evangelho; pois... serão... coroados com bênçãos do alto, sim, com mandamentos, não poucos, e com revelações no seu próprio tempo..." — e, parece claro, com milagres de acordo com a fé e as necessidades daqueles "... que são fiéis e diligentes diante de mim." (D&C 59:3-4.)



# Jejum — Uma Dádiva de Regozijo

Sheryl Condie Kempton

**J**ejum não é, para mim, o princípio do evangelho mais fácil de se prestar obediência. Mas há um ano atrás, decidi que já era tempo de retornar a um padrão regular de jejum. Tomada a resolução, decidi também que iria tentar aprender a tornar os jejuns mais significativos; mais aceitáveis ao Senhor e mais poderosos para a expansão de minha própria espiritualidade.

Chegou o primeiro domingo do mês. Eu pretendia jejuar da tarde do sábado até depois da reunião de jejum e testemunho, no domingo — mas, no sábado à noite, fui a uma festinha, e havia refrescos e petiscos. Mudei meus planos: jejuaria da noite do sábado até a noite do domingo.

Na manhã seguinte, em meio ao corre-corre para dar o lanche e vestir minhas três filhas para a escola dominical, achei-me, sem mais nem menos, lambendo o mel que estava na ponta de meus dedos, e lambiscando as cascas de pão, rejeitadas pelas crianças. Ao ver-me fazendo isso, senti-me desestimulada e enfraquecida, e abandonei a idéia de jejuar naquele dia.

Resolvi jejuar em outro dia daquela semana, para compensar o meu fracasso; mas a semana — e o mês — passaram-se sem que eu tivesse atingido meu objetivo. E o domingo de jejum seguinte chegou.

Desta vez, as coisas foram diferentes. O Presidente Spencer W. Kimball pediu aos membros da Igreja que jejuassem e orassem por causa das condições climáti-

cas a neve e o frio intenso em algumas áreas, e a seca em outras. (N. T. — fevereiro de 1977.) Foi um sentimento inspirador saber que estava juntando-me a centenas de milhares de pessoas que faziam o que um profeta de Deus pedia, e isso concorreu para que eu fosse bem sucedida.

Embora eu não comesse, nem bebesse durante as vinte e quatro horas, ainda não estava realmente satisfeita com o meu esforço. O dia não transcorreu muito diferente dos demais domingos, e pareceu-me que, se o jejum era tão importante, deveria fazer alguma diferença. Eu sei que era importante, e então, concluí que não deveria estar procedendo com ele da maneira correta.

Decidi-me a estudar as escrituras relativas aos princípios e práticas do jejum.

E, para suplementar a leitura, li algumas diretrizes acerca do Jejum, de pronunciamentos de profetas modernos. Elas eram claras ao dizer que uma observância adequada do dia de jejum incluía abstinência de alimento e bebida por duas refeições consecutivas, frequência à reunião de jejum e testemunho, e o pagamento de uma generosa oferta de jejum.

Com estas informações e um intenso desejo de verdadeiramente fazer o que era correto, eu estava pronta para pôr em prática as palavras que havia estudado. Já conhecia a lei do jejum, e sabia que deveria observar estritamente a letra dessa lei. Mas é o espírito da lei que realmente modifica nossas vidas. Então, decidi-me a concentrar os esforços nas seguintes áreas, a fim de tentar obter o espírito do jejum:

1. Um espírito de amor a Deus e a meu próximo. Essas duas metas importantíssimas necessitam de trabalho e atenção constante. Não é, para mim, apenas difícil amar algumas pessoas, às vezes, como é igualmente difícil querer amá-las. E quando penso em um Deus amoroso, e do mandamento de amá-lo, fico estarrecida ao saber que mesmo meu melhor amor é um dom fraco e mirrado.

2. Um espírito de sacrifício e serviço. As ofertas de jejum são um sinal desse espírito. Outro é o desejo de compartilhar meu testemunho com alguém. Devo também, diligentemente, procurar outras oportunidades para dar e partilhar minha abundância de bênçãos com outros. Às vezes, sinto que sequer sou capaz de começar a compreender o valor do verdadeiro sacrifício.

3. Um espírito de irmandade e de integração com os Santos. Faz-me sentir maravilhosa alegria compreender que, quando jejuo, estou-me juntando ao restante dos membros da igreja nesta ocasião, e que podemos ganhar poder através dessa unidade.

4. Um espírito de comunhão com Deus. Por um dia em cada mês, tenho a oportunidade de pôr de lado todas as distrações e confusões (com exceção de minhas três filhas, que não podem apoiar-me ainda integralmente nesse esforço) e com simplicidade de intenção, tentar purificar meu íntimo, para tornar-me uma com Deus, e purificando meu corpo, que é um templo.

5. Um espírito de autocontrole. Para mim, o exercício de minha vontade ao jejuar é um sinal de humildade; estou submetendo minha vontade à do Senhor, pois desejo fortalecer meu poder espiritual e a disciplina corporal, e desejo também arrepende-me por querer fazer ou mesmo por fazer outra coisa que não a vontade do Senhor.

Com tudo isso em mente, jejei. A primeira vez, jejei e orei para que pudesse vencer uma tentação em particular que me perturbava. Os resultados foram milagrosos. Não apenas venci a tentação, como a coisa em si deixou de ser uma tentação! Não apenas resisti ao pecado, eu não queria mais pecar. E assim, fui abençoada imediatamente.

Decidi que, para meu crescimento e progresso, deveria jejuar novamente logo, e não esperar um mês inteiro. Desta vez, jejei e orei para tomar uma decisão difícil. Os prós e contras das alternativas

que eu tinha em mente para o problema pareciam equilibrados, e isso martelava-me a cabeça havia já várias semanas. Após jejuar e orar, soube repentinamente o que fazer, e não houve mais hesitação quanto ao que seria a decisão acertada.

Após jejuar, tornei-me mais consciente acerca dos tipos de comida que ingiro. Por vezes, meu corpo parece mais sagrado para mim, e eu não quero comer algo que seja impuro ou desnecessário. Parece que o jejum nos ajuda a compreender quais os alimentos que realmente nos nutrem, e quais os que poluem o sistema orgânico.

Pareceu-me ser capaz de pensar mais clara e concisamente. Senti-me mais capaz de me concentrar na unidade de propósito, quando vou ao templo. Embora me sinta fisicamente fraca ao jejuar, pareço ser capaz de realizar mais trabalho e de me cansar menos.

Senti também uma ternura aumentada para com meu marido e meus filhos, com o jejum; uma espécie de enchente de amor e apreciação. Chorei mais durante as reuniões sacramentais e passei a apreciá-las melhor. Estou certa de que as reuniões não mudaram; em vez disso, eu é que me tornei espiritual e emocionalmente mais receptiva.

Outra bênção importante que recebi como resultado do jejum foi uma aumentada capacidade de reconhecer influências más e tentações — e de evitá-las sem maiores delongas.

Ao renovar meus esforços para jejuar da maneira como o Senhor deseja, descobri alguns auxílios práticos. A seguinte lista contém algumas dessas idéias:

1. Una-se à família para jejuar. Fortaleça-se e siga o exemplo e motivação do sacerdócio, apoiando-se mutuamente no esforço. Os que não têm idade suficiente para abster-se do alimento e da bebida, podem ainda assim, participar do espírito: orar, aprender histórias das escrituras, cantar, contar as bênçãos, planejar serviço para outros.

2. Planeje um serviço específico e sacrifício pelos outros. Dê sempre uma oferta generosa de jejum e busque inspiração concernente a outros serviços que o Senhor desejar.

3. Prepare-se cuidadosamente, para que o trabalho físico seja minimizado. Para mim, significa planejar antecipadamente as roupas que as crianças vestirão e o alimento que comerão. Procuo também preparar atividades adequadas para o domingo, para todos, antes que meu jejum comece no sábado.

4. Prepare-se cuidadosamente, para sua paciência não ser esgotada, nem posta sob tensão. Para mim, significa que, como terei mais tempo para me aprontar para as reuniões da igreja, não precisarei apressar-me.

5. Planeje tempo para oração intensa e fervorosa. Isto é especialmente difícil para mim, agora, com as três crianças sempre querendo estar envolvidas em alguma coisa. Às vezes, podemos orar como família; às vezes, meu marido e eu podemos orar juntos, enquanto elas estão descansando ou dormindo; às vezes, um de nós se concentra nelas, enquanto o outro ora sozinho. A melhor hora para minhas orações intensas é no meio da noite.

6. Jejum e oração para um propósito específico ou uma bênção. Isto pode ser uma necessidade pessoal, um problema de família, uma bênção para um terceiro, ou mesmo algo que envolva toda a igreja ou o país, como um jejum para se alterarem as condições climáticas.

7. Arrependa-se dos pecados. Busque fortalecimento para modificar-se e inspiração acerca de como mudar. Busque também os meios de fazer uma restituição e de receber perdão daqueles a quem possa ter causado dano.

8. Leia, estude, e pondere as escrituras. Procuo compreender pontos mais profundos, que ainda não entendo. Utilizo-me dos recursos de meu marido para compreender e responder a minhas

perguntas. Leio os tópicos e também os textos. Tento desenvolver maneiras para que meus filhos conheçam e amem as escrituras.

9. Louve a Deus. Mostre gratidão pelas bênçãos. Cante hinos de louvor a ele. Regozije-se em seu relacionamento com ele. Preste testemunho acerca dele e de sua bondade para outras pessoas.

10. Evite confusões e distrações sociais. Recepções de casamento no sábado à noite, festas, jantares, esportes, e jantares no domingo não contribuirão para o jejum e a comunhão espiritual.

11. Relatar as experiências no diário. Eu incluo os louvores a Deus, as coisas de que me arrependo e os planos para mudança, comentários sobre as escrituras que li, serviços que planejo fazer, o propósito pelo qual jejuo a cada mês, e o meu testemunho. Se fizermos regularmente tais lançamentos no diário, ele poderá ser uma ferramenta poderosa para manter fortes os nossos testemunhos, proporcionar a diretiz e a motivação para as mudanças, e inspiração para nossos filhos e netos. Os milagres em nossas vidas são facilmente perdidos em nossa memória, mas nossos lançamentos no diário podem fazê-los retornar rapidamente e fazer-nos ansiar pela vida eterna, uma vida de milagres constantes.

Embora meu jejum não possa ainda ser chamado "regozijo e oração" (D&C 59:14), sinto-me muito mais próxima desse ideal que há um ano atrás. Sou grata por saber que Deus vive, que somos seus filhos, e que ele deseja que encontremos a alegria. Estou agora convencida de que o jejum é parte integral de tal alegria. É um elemento crucial em nosso esforço para eliminarmos toda a fraqueza, fortalecermos e desenvolvermos todos os talentos, e tornarmo-nos perfeitos, para que possamos reunir-nos a nosso Pai Celestial. Sou-lhe grata por revelar o jejum como arma poderosa que pode ajudar-nos a encontrar o caminho de volta até ele.

# A Seiva da Vida da Igreja

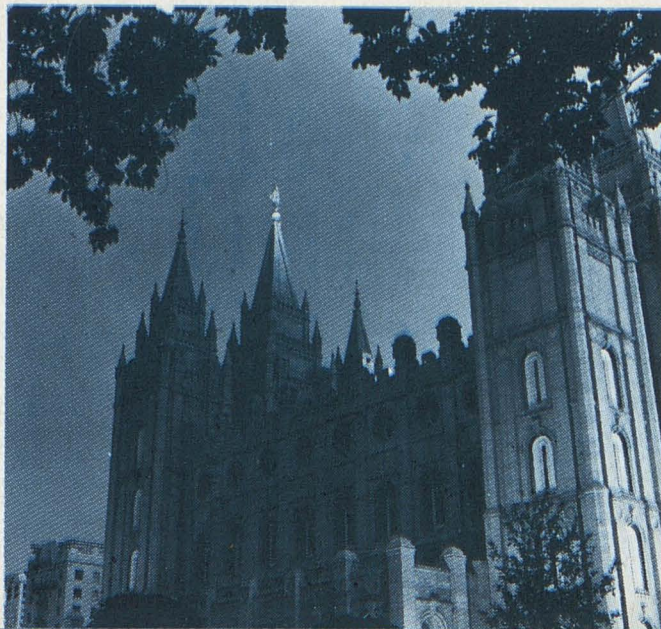
Presidente Spencer W. Kimball



**E**m um discurso feito a um grupo de missionários, quando era membro do Conselho dos Doze, o Presidente Kimball falou acerca da importância de se prestar testemunho. Eis o que ele disse:

“Prestar testemunho não é uma coisa estranha e excêntrica que só nós fazemos. É uma parte fundamental da Igreja... Lembro-me de haver prestado meu testemunho, enquanto era ainda uma criança

da Primária e da Escola Dominical. O testemunho é básico. É importante... Temos alguns críticos que afirmam ser tolice fazer com que as criancinhas prestem seu testemunho, e que elas não sabem se é verdadeiro. Sem dúvida alguma, o conhecimento das crianças é limitado. Mas elas podem ter sentimentos, e testemunhos são sentimentos, e não meramente a acumulação de fatos. O testemunho



advém do coração. E assim sendo, torna-se uma coisa básica... Temos testemunhos em toda a Igreja. Quando reunimos um grupo de presidentes de missão, prestamos nosso testemunho e quando os membros se reúnem em pequenos grupos em quase qualquer lugar, formal ou informalmente prestam seu testemunho.

Prestamos testemunhos aqui na sede da Igreja, nós, os membros do quorum dos Doze. Nos dezoito anos e meio que tenho servido entre os Doze, temos realizado uma reunião trimestral de testemunho. Vamos ao templo, bem cedo pela manhã, os doze, ou tantos quantos não estiverem longe da sede... e nos reunimos em nossa sala no quarto andar. É uma sala que possui doze velhas cadeiras de couro. São muito velhas. Acho que têm sido ocupadas pelos apóstolos, há já cinquenta anos pelo menos. O couro está gasto, mas elas são ainda cadeiras muito confortáveis. Estão dispostas em semicírculo. Temos ali o nosso secretário. O Presidente (Joseph Fielding) Smith senta-se em uma das pontas, e o membro mais jovem senta-se na outra. A posição é semelhante à de uma ferradura. Cantamos. O irmão Lee (Harold B.) toca o órgão, ou dirige o hino, e eu toco o órgão. Temos um pequeno harmônio, tocado a pedal. Oramos fervorosamente que o Espírito do Senhor esteja conosco e então é lida a ata da reunião, bem pormenorizadamente. Leva em geral de quinze a vinte minutos para serem lidas... e são muito emocionantes. Ouvimos, outra vez, os testemunhos que escutamos há três meses atrás, de cada um dos irmãos.

Então o presidente Smith, que é o presidente dos Doze, geralmente se levanta, e com seus livros na mão, abre as escrituras para nós, e eu penso bastante acerca do que o Senhor fez aos dois homens que estavam a caminho de Emaús...

Estamos jejuando. Dois de nós administram o sacramento e o distribuimos a todos. E então, iniciam-se os testemunhos.

Passamos três ou quatro horas, apenas os doze, prestando testemunho uns aos outros. Menciono-lhes isso, para que saibam (que prestar testemunhos) é básico e é parte importante do programa da Igreja. Se os doze Apóstolos precisam prestar testemunho mutuamente para expressar-se e mostrar sua gratidão ao Senhor, então os missionários também precisam, para serem amparados e elevados, e também inspirados, e para que a chama se mantenha sempre acesa (N.T. ou seja, o espírito que está em cada um deles). Nós cantamos novamente, oramos, e voltamos aos nossos deveres regulares.

Temos também outra reunião de testemunho a cada seis meses, na quinta-feira que precede a Conferência Geral. Todas as Autoridades Gerais estão ali... na sala da Presidência e dos Doze, no templo. No alto, fica uma cadeira onde se assenta o Presidente. Ninguém se assenta ali, exceto o profeta do Senhor. Mesmo que seus conselheiros dirijam a reunião, quando ele está ausente, eles se assentam em seus próprios lugares...

O sacramento é administrado por dois dos irmãos, geralmente dos Doze. (Estamos jejuando). Prestamos, a seguir, nossos testemunhos. O Patriarca, um membro do Bispado (Presidente), um dos presidentes dos Setentas, um dos assistentes, um ou mais dos Doze apóstolos, e os três da Presidência, prestam seu testemunho. É uma gloriosa experiência o encerramento com o testemunho do Profeta do Senhor. Ouvi-lo ali levantar-se e dizer: 'Eu sei que é verdade. Eu sei que o Senhor está respondendo. Ele está revelando sua mente e vontade a nós.' Digo-lhes que esta é uma experiência para nos lembrarmos sempre.

Menciono isso para que vocês não pensem que prestar testemunho é uma coisa incidental da missão. É o programa da Igreja. É poderoso e forte... é a seiva, o sangue que dá a vida da organização e da Igreja."

(The Berlin Spirit, janeiro de 1962.)

Nem sempre as palestras dos missionários são o meio de se converter pessoas ao evangelho. No caso de Christian Knudsen, por exemplo, foi necessária uma longa série de pequenos atos de bondade para trazê-lo ao ponto de pensar seriamente acerca de se tornar Mórmon. Nascido na Noruega, em 1856, Christian tinha 14 anos quando seu tio retornou à Noruega, vindo de Utah, na condição de missionário Mórmon. Ele ensinou aos pais e à família de Christian, que foram batizados, mas não Christian. Ele havia sido ensinado na religião de seu país, e amargurou-se muito ao, ver toda a família filiando-se à Igreja. O texto a seguir, extrato do que foi escrito posteriormente em sua vida, encontra-se nos arquivos do Departamento Histórico da Igreja, e nos conta como as experiências de um jovem de quase dezesseis anos prepararam-no para aceitar o evangelho. Algumas modificações na estrutura gramatical das fra-

ses e a omissão de material não atinente às suas experiências de conversão foram feitas, a fim de tornar a leitura mais amena.

Em 1870, o irmão de minha mãe, Mons Andersen, voltou para casa como missionário mórmon. Trouxe alguns élderes de lá, e eles realizaram reuniões em nossa casa. Em virtude disso, mamãe e papai foram convertidos à Igreja. Logo depois, o espírito de coligação se abateu sobre eles, e decidiram mudar-se para Utah. Mas não foi assim comigo. Eu freqüentava a escola paroquial, e lá fazíamos provas para ver o que sabíamos da Bíblia. Os élderes acharam errada a maneira como eu interpretava as passagens da Bíblia que eram citadas e assim, em vez de me converterem, isso fez com que me voltasse contra o Mormonismo.

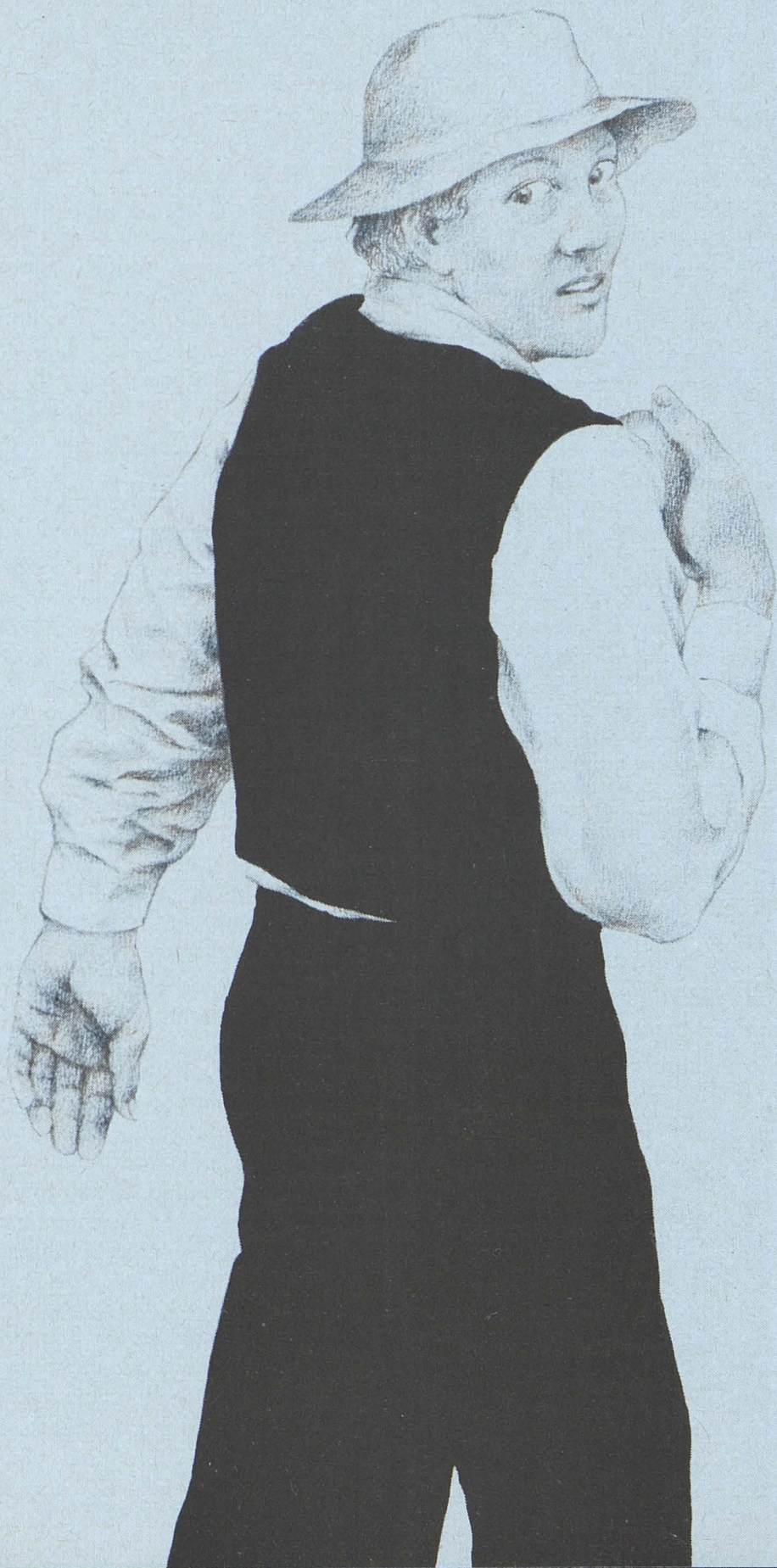
Chegou a época em que meus pais venderam a casa, a fim de se mudarem para Utah. Mas eu fiquei ainda mais amargu-

# A Conversão de Christian

editado por *Gordon Irving*

ilustrado por *Preston Heiselt*





rado e não queria ir com eles. E quando viram que eu não queria partir, fizeram várias tentativas para me convencer. Aí é que eu quis ficar, mais ainda, e não compreendia que nossa casa tivesse sido vendida e que não haveria lugar para eu ficar. As pessoas que compraram nossa casa, mudaram-se para ela, e tivemos que passar a última noite no vizinho. Concordei finalmente em partir com eles até Christiana (hoje Oslo), capital da Noruega, uma distância de cerca de 160 quilômetros. Assim, em 18 de junho de 1872, deixamos nosso lar e partimos em direção de Utah.

Havia seis de nós na família — papai, mamãe, minha irmã Agnette, de 17 anos, eu com 15, meu irmão Mathias, com 12 e minha irmã Christine, com 8 anos de idade. Um homem com um cavalo e uma carroça levou nossa bagagem, caixas contendo comida, agasalhos, roupas de cama. Eram três ao todo. Algumas bem grandes, e finalmente conseguimos levá-las. O restante de nós tinha de ir a pé, mas isso não era novidade na Noruega. Tivemos de viajar cerca de sete milhas inglesas, até chegarmos a um lago chamado Mjösa. Embarcamos num pequeno vapor e viajamos setenta quilômetros até um lugar chamado Eidsvoll, local onde foi feita a constituição da Noruega. Fiquei paralisado e maravilhado, pois nunca havia visto um trem antes. Eu não sabia o que pensar vendo todos aqueles trilhos, e não sabendo como o trem passava de um para outro. Mas embarcamos no trem, e logo chegamos a Christiania, a capital.

Devo contar algo do que aconteceu ali. Vocês se lembram de que eu prometera prosseguir somente até essa cidade. Da estação, fomos levados até a sede da Missão mórmon na Noruega, na rua Osterhausgaten, n.º 27. Enquanto ali estávamos, foi realizada uma reunião, e meus pais queriam que eu entrasse para assistir. Mas eu não queria. Lembram-se de que eu já disse que estava amargurado. Havia ali uma senhora que notou que eu não queria entrar. Ela disse: “Se fosse meu filho, eu o esbofetearia, até que o

sangue escorresse para seus sapatos.” Ouvi-a dizer aquilo, mas acho que ela teria que correr muito para me alcançar, pois eu era um excelente corredor.

Bem, eis como me obrigaram a ir adiante. Eles sabiam o que eu dissera antes de partirmos de Ringsaker, nosso lar, e minha irmã Agnette disse que, se eu não fosse, ela também não iria.

Papai foi a uma loja de chapéus e comprou para mim e para meu irmão Mathias dois chapéus marrons, muito bonitos, e entregou um para cada um de nós. Ele não disse coisa alguma, mas olhou-nos tristemente. Ao ver meus pais daquele jeito, lembrei-me das palavras que lera na Bíblia: “honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá.” (Exodo 20:12.) Consenti em partir com eles. Alegraram-se, e eu nunca me arrependi disso:

Após um dia ou dois, embarcamos num pequeno vapor para Copenhagen, capital da Dinamarca. Como eu não era membro da Igreja, não cantava, nem me sentia feliz como o restante do pessoal, mas podia ouvir e ver como estavam felizes. Lembro-me muito bem de um dos hinos: “Ó Babilônia, ó Babilônia, damos-te adeus; partimos para habitar nas montanhas”. (N. T. — tradução livre das duas últimas linhas do hino 193, Ó anciões de Israel. Em português, a letra diz: “Adeus, ó Babilônia, nós vamos partir, sagrada missão precisamos cumprir.”).

É claro que o hino era cantado em norueguês. Chegamos a Copenhagen no dia seguinte, após passar a noite no barco. Não havia lugar para dormir no vapor, e eu arrumei alguns sacos de grãos, e fiz um local para dormir. Enquanto eu estava ali dormindo a sono solto meus pais e algumas outras pessoas estavam quase frenéticos. Procuraram por mim e não me encontrando abandonaram a busca. Sabiam que era contra a minha vontade partir, e embora não mo tenham dito, quando acordei e desci, olharam-me como se eu tivesse fugido, saltando ao mar. Ficaram muito contentes quando alguém lhes disse que me havia visto e que tudo estava

em ordem. Não podiam acreditar até que me viram. Se eu ainda não havia trazido nenhum regozijo para suas almas, aquela foi a ocasião em que o fiz.

Quando viemos para Copenhagen, Dinamarca, esperamos, até que havia cerca de 300 pessoas de partida para Utah. Anthon H. Lund, que pouco antes de morrer servia como conselheiro do Presidente Heber J. Grant, estava encarregado de levar o grupo até Utah. Partimos de Copenhagen em direção a Hull, na Inglaterra, atravessando o Mar do Norte. Quando zarpamos, o tempo estava bom e havia alguns dos Santos que cantavam alegremente, assim como quando partimos da Noruega. Mas logo ondas colossais começaram a se armar. Não demorou muito até que comessem a sacudir e ameaçar o barco. Oh elas não assustavam os peixes, então qual era o problema com o pessoal? Mas digo-lhes que eu também não ri por muito tempo. Mas chegamos a Hull sãos e salvos, embarcamos num trem para Liverpool. Chegamos lá após dezoito horas de viagem, e lá embarcamos no vapor "Nevada" para Nova York, na América do Norte.

A viagem levou quatorze dias através do Atlântico. Alguns dias foram muito tempestuosos, e eu tive enjôo todo o tempo. Mas chegamos a Nova York sãos e salvos. Embarcamos no trem para Utah, e uns quatro dias depois, chegamos a Salt Lake City, em 17 de julho de 1872, altas horas da noite. Antes de chegarmos à estação, o presidente de nosso grupo, Anthon H. Lund, disse que, ao chegarmos, muitos de nós encontraríamos parentes e amigos e que alguns deles iriam nos levar para casa. Mas ele disse: "Não deixe" que os levem para casa na hora pois vocês todos serão levados a um banquete. Levem-nos ao banquete com vocês."

Já eram dez horas da noite. O nome da casa eu não sabia mas era grande o suficiente para que todos nós sentássemos às mesas. O quanto me lembro havia uns trezentos de nós ali. Todos entraram exceto eu pois achei que não fazia parte do grupo. Eu sabia que não era

Mórmon embora todo o resto fosse. E como dissera estava muito amargurado. O irmão Lund saiu e viu-me a uns passos da casa. Chegou-se a mim e perguntou-me onde estavam meus pais. Eu disse que eles haviam entrado, mas que eu não fazia parte. Ele então me tomou pelo braço, atravessou a porta, e disse, em dinamarquês: "Por favor entre. Você é bem-vindo." É claro, então, eu entrei. Digo-lhes que foi o melhor jantar que já comi, havia tudo de bom. Ao terminarmos, era quase meia-noite, mas as mesas ainda estavam cheias de coisas boas. Nós íamos e nos servíamos. Tudo era para nós.

Ninguém nos convidou, e assim permanecemos no recinto até de manhã. Não sei como o resto da família se arranjou, mas eu me deitei num banco perto da mesa e adormeci. Quando acordei, o sol já estava alto, e o restante do pessoal já estava em pé e ocupado. Não esperei pelo desjejum, pois ainda havia muita comida nas mesas, e foi-nos dito que éramos bem-vindos e que poderíamos nos servir. Eu comi, e certamente tive um excelente desjejum naquela manhã, assim como o jantar na noite anterior.

Então chegou a hora em que pensamos o que faríamos naquela terra estranha e falando uma outra língua. Ouvíamos as pessoas falarem mas não sabíamos o que diziam. Finalmente, alguém se achegou, e, em dinamarquês, pediu-nos que o acompanhássemos. Levou-nos até o velho campo dizimado. Lá estavam nossas caixas e nossas coisas, as roupas, e um pouco de alimento. E ali passamos a noite seguinte.

Durante o dia, achei que deveria dar uma volta e conhecer Salt Lake City. Sendo já época do verão, as maçãs de junho começavam a ser colhidas, e eu vi algumas delas que me pareceram boas. Não pedi, e se eu pegasse uma maçã sem pedir, seria o mesmo que furtar um dólar em dinheiro. Mas vi uma maçã vermelha, muito bonita, caída debaixo da cerca, então parei, apanhei-a e prossegui, andando pela calçada. Tinha dado alguns passos, quando um homem disse; "Aqui, pare!" Achei que ele estivesse falando Norue-

guês, pois que a palavra "stop" é comum aos dois idiomas, inglês e norueguês. É claro, então, que eu parei.

Comecei a andar novamente, pois ele foi para trás de sua casa, mas acho que ele me viu. Ele olhou ao redor da casa e gritou "pare!", novamente. Eu fiquei com medo, pois sabia que havia pegado uma maçã sem ordem. Imaginei que tivesse ido apanhar um azorrague, para dar-me umas chicotadas, e pensei no que me teria acontecido se fosse na Noruega. Mas eis que, em vez disso, ele havia enchido o bojo de seu chapéu com boas e belas maçãs vermelhas. Cheguei-me ao portão, e ele deu-me as maçãs, uma a uma, até que minhas mãos estivessem repletas. Disse-me algo em inglês, que não entendi. Então fez sinais, mostrando-me que deveria colocá-las em meus bolsos, pois eu tinha grandes bolsos em meu casaco. E ele me deu todas as maçãs de seu chapéu.

Isso me causou uma impressão que jamais pude esquecer. Eu havia catado uma, do chão, e, em vez de uma surra, ele me deu um chapéu cheio de maçãs. Eu já lhes disse que havia ficado muito amargurado, mas sou franco em dizer que esse fato, e as boas-vindas da noite anterior, quando do jantar, fizeram com que o amargor desaparecesse por completo. Foi um sermão melhor que qualquer outra coisa que eu pudesse imaginar. Uma boa ação fala mais alto que palavras.

Voltei ao velho campo dizimado, onde encontrei meus pais, meu irmão e minhas irmãs. É claro que eu estava feliz por ter algumas maçãs para lhes dar. Imaginaram onde eu as havia conseguido. Sabiam que eu não tinha dinheiro para comprá-las, e então disseram: "Você saiu por aí a roubar." Eu disse: "Um homem lá na cidade me deu." Eles disseram que deveria haver pessoas melhores aqui em Utah que lá na Noruega. Comecei a pensar assim também.

Meu tio Mons Andersen havia-nos dito que deveríamos juntar-nos a sua família, em Léhi. Naquela mesma noite, um pescador passaria por Léhi, e poderia levar

dois de nós. Então mamãe e meu irmão Mathias foram com ele. Depois alguém viria buscar o restante de nós. O trem não poderia levar-nos pois os trilhos iam então até Point of the Mountain. O restante de nós permaneceu no campo dizimado até o dia seguinte. Naquele dia, ninguém apareceu. Mas no dia seguinte, 20 de julho de 1872, um homem chamado Mathias Petersen, de Léhi, veio buscar-nos num carroção novinho. Rejubilamo-nos. Viajamos até perto de Sandy e pernoitamos. No dia seguinte, 21 de julho de 1872, domingo de manhã, chegamos a Léhi.

Devo falar algo acerca desse domingo, 21 de julho de 1872. Como afirmei antes, acampamos na noite anterior junto a Sandy. Era uma bela manhã, e chegou a hora de comermos algo antes de partirmos. Havia cinco de nós ao todo, e tínhamos um pouco de pão de trigo. Havia uma fazenda a certa distância, e então, Mathias Petersen, o nosso condutor, foi até lá para ver se poderia conseguir algum leite, para comermos com o pão. Logo voltou, trazendo uma senhora consigo, que tinha uma vasilha cheia de leite doce. Tinha sido minha primeira noite de acampamento, e minha primeira refeição de pão de trigo e leite doce. Jamais me esquecerei de como era bom o gosto. Estava regozijante. Como eram bons os meus pensamentos para com aquela senhora que nos trouxera o leite! Não sei se ela era Mórmon ou não. Mas àquela altura dos acontecimentos, eu achava que todos em Utah eram Mórmons, e então, é claro, achei que ela também era. Foi então um passinho a mais para melhorar meus sentimentos em relação ao mormonismo.

Mais ou menos às onze horas, chegamos à casa de Mons Andersen, e a irmã Christine Andersen veio receber-nos. Colocou seu braço à volta de um por um de nós, e beijou o restante. Quando chegou a minha vez, era algo a que eu não estava acostumado, e portanto, não sabia o que fazer. Não corri, não sei por quê. Uma hoste de crianças e adultos da vizinhança apareceu e apertou nossas mãos. Acho

que diziam que éramos bem-vindos, uma vez que eu não entendia coisa alguma do que falavam em inglês. As crianças estavam na escola dominical, mas logo chegaram à casa, e nos beijaram, e deram-nos boas-vindas, e a essa altura eu já estava mais acostumado. Mas, certamente, fizeram-nos sentir em casa.

Houve outra coisa importante que me ajudou na investigação do evangelho. Foi exatamente quando muitas frutas estavam colhidas, como morangos, framboesas e maçãs verdes. Os que conheceram a irmã Andersen, reconhecem que disposição amável ela possuía. Ela disse: "Vão e apanhem quantas quiserem". Se não fora por sua maneira delicada, eu dificilmente acreditaria ser verdade. Mas ela estava realmente sendo sincera. Era muito diferente da Noruega. Para mim era um degrau a mais na escada, que me levava em direção ao batismo.

Eu ainda não tivera tempo de pensar em ganhar a vida, nem em como fazê-lo numa terra estranha e falando uma língua diferente. Na sexta-feira pela manhã, 26 de julho de 1872, chegou um homem à casa de Mons Andersen, querendo um rapaz para ajudá-lo no campo. Seu nome era Peter Petersen. Meu salário era de oito dólares por mês. Trabalhei com ele durante vinte meses. Devo contar um pouco do que aconteceu nessa época. Era costumeiro naquela ocasião rebatizarem-se os recém-chegados. Então Karen Larsen Petersen, esposa de Peter Petersen, me disse: 'Haverá batismos hoje. Você deverá

atrelar os cavalos e levar essas pessoas até a represa do celeiro para serem batizadas. E você também deverá ser batizado". Eu lhe disse que levaria com prazer as pessoas, mas que ainda não estava pronto para meu próprio batismo.

No inverno seguinte, comecei a frequentar a escola, onde aprendi um pouco de Inglês. Tinha também frequentado a Escola Dominical com os filhos de Mons Andersen. Eischa Pack era o professor naquele tempo. Os alunos eram designados um a um a ler versículos da Bíblia; quando chegou minha vez, o irmão Pack leu o meu versículo, e não houve, assim, interrupção na aula. Fiquei contente, apesar de não entender coisa alguma do que falavam. Mesmo assim, eu gostava da Escola Dominical. A irmã Karen Larsen Petersen adoeceu e veio a falecer em 7 de fevereiro de 1873, e isso encerrou também minha carreira escolar naquela época. Mas aprendi o suficiente para chegar ao terceiro livro de leitura.

Eu tinha estado a estudar as escrituras, e resolvi orar a respeito. Conhecia a resposta de Jesus a Nicodemos, conforme se encontra no terceiro capítulo de João: "Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus." (João 3:5)

Assim, em 30 de agosto de 1873, fui batizado na A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, por Mons Andersen, e confirmado por Abraham Lessee, em Léhi."

# Não Faz Qualquer Diferença

Bárbara Balli



No dia 11 de janeiro de 1975, às 13 horas e 35 minutos, eu estava a caminho da loja, perto de casa. Caminhava pela calçada, quando um automóvel, a quase setenta quilômetros por hora, se desgovernou e me atirou contra uma cabina telefônica. Havia apenas um policial na cena do ocorrido, que imediatamente solicitou socorro. Ele tentou ajudar-me mas eu estava tão ferida na perna, que onde ele deveria aplicar um torniquete não havia sequer perna.

Ao chegar ao hospital fui dada como “morta ao dar entrada” mas os médicos, trabalhando celeremente, conseguiram reviver-me. Após uma belíssima bênção de meu bispo, fui para a cirurgia. O médico

disse que minha perna teria que provavelmente ser amputada, mas um oficial que diligenciava as investigações no local do acidente encontrou um pedaço de fêmur, com quase 10 centímetros, e correu com ele ao hospital. Quando foi entregue na sala de operações, foi tomada a decisão de tentar salvar minha perna. Embora eu tenha perdido a perna posteriormente, tenho pelo menos um toco de quase dezoito centímetros, que eu não teria, se tivesse sido executada a decisão de amputar-me a perna imediatamente.

Após o acidente, vários amigos e parentes fizeram muitas coisas por mim e minha família. Os membros da ala foram tão agradáveis e simpáticos, que tornaram

possível para meus pais permanecerem comigo durante os longos meses em que estive no hospital. Trouxeram comida, dispuseram-se a ajudar, cuidaram e mostraram grande amor e preocupação por nós.

A primeira coisa de que me lembro acerca da Mutual foi quando os jovens convidaram para a festividade de encerramento, os rapazes e as moças que no ano seguinte teriam idade suficiente para freqüentar as classes. Quando fui convidada, fiquei surpresa, porque eu ainda estava dependendo muito do meu tempo no hospital, com apenas uns poucos dias em casa, entremeando as cirurgias, e ainda por cima, estava numa cadeira de rodas. Eles disseram que não havia problema, que os jovens me ajudariam, e então eu fui. E foi realmente sensacional!

Quando chegou a época para eu começar a freqüentar a Mutual, fui chamada como segunda conselheira de nossa classe de Abelhinhas do primeiro ano, embora ainda tivesse que estar no hospital a maior parte do tempo. Naquele ano, a classe fez muito por mim. Lembro-me especialmente de quando gravaram uma reunião realizada na cabana do bispo, à qual não pude comparecer. Gravaram também o programa de Novos Inícios e o trouxeram ao hospital, onde todas escutamos.

Eu havia saído do hospital e estava usando muletas, quando a consultora das abelhinhas da Estaca me pediu que tomasse parte em uma peça, "As sementes de maçã". Isso fez com que realmente me sentisse amada e querida.

Após nove meses de dor, sofrimento e 34 cirurgias tentando salvar minha perna, o médico recomendou que ela deveria ser amputada. Com a ajuda de meus pais e do Pai Celestial, decidi concordar. A data estipulada foi 24 de setembro de 1975, e eu tinha apenas doze anos. Quando a classe soube, foram maravilhosos comigo. Disseram: "Não fará qualquer diferença!"

Enquanto estive no hospital para minha trigésima-quinta e final operação, minha classe sempre trazia as lições e os rostos alegres para fazer-me mais feliz. Convi-

davam-me e incluíam-me em todos os seus planos, enquanto eu não tinha condições de freqüentar as reuniões. Assim, travei conhecimento com todas as coisas divertidas que eu perdi, e realmente me senti como se quisesse voltar e me envolver novamente nas coisas.

Cerca de cinco meses depois nossa ala realizou um Cântico da Primavera do Bi-Centenário (da Independência) e nossa classe foi convidada a participar. É claro que eu fui incluída! A esta altura, já estava de posse de minha perna mecânica. A classe realmente ajudou para que eu parecesse bem no palco, e quando fomos descer, elas desceram todas na frente, de modo que eu ficasse mais para trás e nem me notassem. A coisa toda pareceu natural, então. As meninas fizeram-me saber que eu não deveria hesitar, quando me pedissem que fizesse algo, e eu aprendi que, se tentar, poderei fazer qualquer coisa que quiser, qualquer coisa que qualquer outra pessoa poderia fazer.

Durante o verão pedi a uma das meninas da classe que me ensinasse a andar de bicicleta outra vez, e ela o fez. Após cair e rir durante seis vezes, finalmente consegui equilibrar-me. Ainda fazemos passeios de bicicleta juntas e é muito divertido.

A festividade de encerramento do ano passado foi um festival de natação. Eu realmente não queria ir mas minha mãe e as amigas convenceram-me a pelo menos, comparecer. Ao chegar lá, todos estavam se divertindo muito, e eu não podia resistir aos convites insistentes; assim, pedi a mamãe que buscasse o maiô. Após retirar minha perna mecânica e vestir o maiô, as meninas carregaram-me até a piscina. Foi divertidíssimo, e todos me fizeram sentir tão bem e foram tão compreensivos, que não fiquei envergonhada de coisa alguma.

Neste ano, fui chamada para ser a presidente da classe de abelhinhas do segundo ano. Espero apenas poder fazer um bom trabalho e ajudar outras pessoas da mesma forma como fui auxiliada.

